

REVISTA **Bzzz**



ANO 5 | Nº 62 | AGOSTO DE 2018 | R\$ 12,00

Grande Ponto

Local que marcou época por reunir políticos e intelectuais que pautavam Natal

Tempero baiano

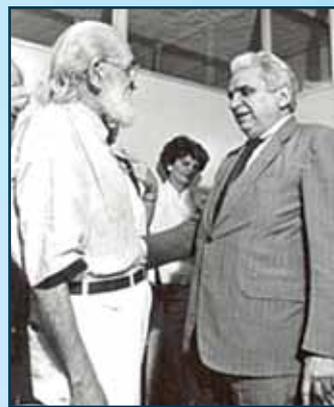
Casa de Tereza, o restaurante que é cultura e o melhor do que a Bahia pode oferecer

Arte Sacra

A artesã Magale Luz e suas imagens impressionantes

O REI DAS ONDAS

FELIPE DANTAS, CONSIDERADO O PRIMEIRO SURFISTA PROFISSIONAL DO NORDESTE, CONTA SUA VIDA SOBRE AS PRANCHAS, RELEMBRA A CENA DO SURF POTIGUAR DÉCADAS ATRÁS E COMO "DESCOBRIU" PARA O MUNDO AS PRAIAS DE PIPA E BAÍA FORMOSA. HOJE MORANDO EM BALI, NA INDONÉSIA, O POTIGUAR É ÍDOLO DE SURFISTAS MUNDO AFORA. ELE FALA SOBRE OS TALENTOS DO RN E CRITICA A FALTA DE INCENTIVO DO ESTADO



PAULO FREIRE

Lembranças da passagem do famoso sociólogo pelo RN



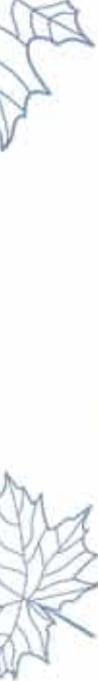
RN COLONIAL

Coluna Segredos de Viajante descobre histórias de três cidades potiguares

#felicidade é

ambientes confortáveis e aconchegantes
pra você!





*A sensação de bem-estar
que a sua família merece está
aqui na ARTEX.*

*Prepare-se para aproveitar
uma seleção de produtos em
cama, mesa, banho
e decoração!*

*O estilo que você procura
com o conforto que a sua
família merece.*

**VISITE NOSSA
LOJA E CONFIRA!**

Midway Mall • Piso L1
Natal • RN
Fone: (84) 2226-3932



@lojasartex

ARTEX

O que é que o RN tem?

Tem talento do surf internacionalmente reconhecido, tem. Tem outros destaques dominando campeonatos, também tem. O que não tem, segundo Felipe Dantas, que é capa e recheio desta edição, é incentivo e investimento do Poder Público. Segundo ele, sobre o qual muito saberemos logo mais nas próximas páginas escritas pelo jornalista Leonardo Dantas, este estado fincado na esquina do Brasil é berço de grandes surfistas, que fazem sucesso não só dentro país, mas no mundo inteiro. É dono de ondas dos sonhos e praias como Baía Formosa e Pipa, “descobertas” para o mundo do surf décadas atrás. Felipe não esconde a indignação quando fala sobre o que considera o não reconhecimento local ao esporte que gera lucros estratosféricos em lugares com, digamos, visão.

Ele não é a primeira pessoa ligada ao esporte que passa pela Revista Bzzz. Todos eles poderiam contar em coro como as maiores dificuldades estão fora dos tatames, dos campos ou do mar. Elas estão nos tantos e tantos não recebidos, no descaso, quando não se enxerga tudo que o esporte pode proporcionar: futuro a tantos jovens, trabalho, turismo, aquecimento da economia e, como não lembrar, que o esporte é caminho contrário da violência e da marginalização. Esporte é oportunidade! E não é, por aqui, a soma de tudo isso que se anseia? O fim da violência em um combo que envolve investimento planejado em educação, lazer, esporte, atividades de cidadania que, invariavelmente, têm como resultado a redução de índices de crimes. Basta ver exemplos de cidades ou estados, normalmente em outros países, que nelas investiram.

Ao compartilhar com os leitores da Bzzz a sua trajetória de sucesso e inspiração sobre as ondas, Felipe nos alegra, orgulha, impacta as mais novas gerações que ainda não o conhecem. Porém, Felipe também nos intriga e lembra o quanto perdemos, diariamente, pelo que não é feito. Se a natureza foi generosa com este Estado em suas praias e belezas naturais, se esses lugares podem ser tão melhor aproveitados, principalmente para as pessoas que os compõem, o que fazemos dele e o que poderíamos?

Se falamos sobre esporte, investimento, violência, assim, tudo junto, vale lembrar mais um ponto: as eleições estão aí. A campanha começou. Ainda dá tempo de conhecer melhor esta terra, de refletir sobre ela, analisar o que é desejável, exercer a cidadania e lutar pelo que se acredita ser o melhor, democraticamente e cercados de reflexão. A leitura é um bom caminho. Aqui estamos em busca de contribuir. Nas páginas desta edição, história, cultura, política, esporte, turismo e um tanto a mais do muito que o Rio Grande do Norte tem pra dar.

Aproveite a leitura!

Alice Lima
editora-assistente



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA, CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA

ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO

GILSON BEZERRA, LEONARDO DANTAS,
MARKSUEL FIGUEREDO, OCTÁVIO SANTIAGO,
PATRÍCIA CARVALHO, RAFAEL BARBOSA,
VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA

TIAGO OKAZUKA

FOTOS

ARQUIVO TAVARES DE LYRA, SOLANGE ROSSINI,
LEONARDO MACHADO FREIRE,
EVALDO GOMES, MANOEL FAGUNDES JUNIOR,
OCTÁVIO SANTIAGO, PAULO LIMA

GRÁFICA

IMPRESSÃO

TIRAGEM

6.000 EXEMPLARES



Caros,

Com emoção vimos na Bzzz nº 60, de junho deste ano, a matéria "A voz da superação" focando nossa Débora.

Ficamos encantados com a competência do repórter Leonardo Dantas e as fotos de Cicero Oliveira.

A chamada de capa retrata bem a personalidade da entrevistada, merecendo parabéns a jovem Maria Eduarda Lima por ser a autora da idéia, com apoio da Editora Assistente, Alice Lima, e da própria Eliana Lima.

A matéria pela excelência do trabalho é importante não somente para Débora, mas principalmente para a causa da síndrome de Down, cuja bandeira é a inclusão bem retratada no referido trabalho jornalístico.

Assim, com nossos aplausos agradecemos o destaque a Debora e sua história de vida em busca da inclusão.

Família Seabra de Moura

Boa tarde!

Confesso que não conhecia a revista, acabei de ler a número 58 de abril e me surpreendi.

Ótima revista, com matérias e fotos interessantes, que realmente agregam cultura e conhecimento ao leitor, parabéns!

Parabéns pela revista!

José Neto

MATRÍCULAS ABERTAS

VAGAS LIMITADAS



**CURSINHO PREPARATÓRIO
PARA O ENEM
E DE INFORMÁTICA BÁSICA
E AVANÇADA COM MATERIAL
GRATUITO**



APOIO



Leonardo Freire



Evaldo Gomes



8 | As Lisboetas

Coluna de Eliana Lima,
direto de Portugal

62 | Como será o amanhã?

Editorial de arquitetura fala
sobre a busca de soluções
urbanísticas para Natal

68 | Festas

70 | Turismo

Coluna de Octávio Santiago

74 | Artigo

HOSPITAL DO CORAÇÃO. O COMPLEXO DE IMAGEM MAIS MODERNO DO RN.



NOVO TOMÓGRAFO 128 CANAIS
+ RÁPIDO E PRECISO
RESULTADOS EM ATÉ 24H
EXAMES ATÉ AS 22H

O Hospital do Coração apresenta o Complexo de Imagem mais moderno do estado. Agora, você conta com um tomógrafo de 128 canais capaz de gerar imagens em alta definição com precisão milimétrica. Um equipamento mais rápido e preciso, com resultados em até 24h. Tudo isso com uma equipe especializada e a possibilidade de fazer seus exames até as 22h. Novo Complexo de Imagem HC. **Sua saúde ganhou uma nova opção.**



TOMOGRAFIA | **RESSONÂNCIA** | ULTRASSONOGRAFIA | **RAIOS-X**

(84) 4009-2011 hospitaldocoracao.com.br

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**

Especializado em você.



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

CUIDADO AO ALUGAR IMÓVEL EM LISBOA

A grande procura por imóveis, principalmente para arrendamento – termo usado aqui em Portugal, em vez do aluguel comum no Brasil -, vem atraindo golpes dos que se acham, ou são, espertos. O que aqui se diz burlão. Os sites de ofertas de imóveis, normalmente, reúnem os próprios senhorios (como se chama o proprietário de imóvel) e anúncios de imobiliárias. Desconfie da boa oferta. Principalmente quando as fotos dos imóveis – mobiliados – são altamente atraentes aos olhos. Preços, idem. Muitos desses são de golpes.

MODUS OPERANDI

É comum os burlões postarem imóveis atraentes, com preços tentadores. Esses raramente querem contato por telefone, dizem que preferem por e-mail. E nas respostas aos e-mails a história é sempre parecida: tiveram que se mudar às pressas de Portugal por causa de oferta de emprego em outro país e precisam alugar com urgência seus imóveis.

Mandam fotos e garantem que o imóvel é como se vê nas imagens, que a transação, para ser mais ‘segura’, pode ser pelo Airbnb; que a pessoa envia os dados e endereço, faz o depósito do pagamento, eles mandam a chave pelo correio – diante da ‘impossibilidade’ da presença. E alguns têm caído no conto do vigário.

EM CONTA

Quem quer estudar em Portugal e tem pressão de fugir da carestia em euro, as opções de quartos mais baratos são, por ordem: Santarém (169 euros por mês), Leiria (180) e Coimbra (190), segundo a pesquisa do site Idealista.

PERFIL

De acordo ainda com a pesquisa, quem faz opção por partilhar casa em Portugal tem em média 33 anos, vive no centro das grandes cidades, não fuma (apesar de ser tolerante com quem fuma) e não tem animais de estimação. A média de idade por distrito é a seguinte: Setúbal e Santarém (entre 37 e 34 anos, respetivamente); Leiria (31); Lisboa, Porto e Braga (33); Coimbra (27).

Fotos: Eliana Lima



O emblemático Campos Pequeno, na Praça de Touros

BOM

Pausa agora sobre imóveis, vamos falar de lugar para visitar em Lisboa. Muitos dos visitantes que aqui chegam têm no roteiro o de sempre: Rossio, Chiado, Avenida da Liberdade etc. Poucos colocam no roteiro o Campo Pequeno: magistral edifício cilíndrico, de arquitetura neoárabe, inaugurado em agosto de 1892, originalmente destinado a corridas de touros.

A arena é palco não apenas de touradas (que não curto), mas também de shows de bandas e cantores (brasileiros, principalmente). Tem salas de cinema, galeria comercial, restaurantes, praça de alimentação, supermercado e um parque de estacionamento subterrâneo.

Belo monumento que foi entregue à degradação, até que, em 2000, passou por obras de restauro e requalificação, mantendo as características originais, mas com itens modernos e funcionais. Reabriu ao público em maio de 2006. Vale muito visita a esse belo prédio histórico.

ENTÃO

Lisboa é a cidade dos miradouros. Lugares com esplanadas (espaço ao ar livre, tipo varanda para nós) de onde se pode apreciar um copo (como se chama aqui a forma de beber, de uísque a cerveja, de vinho a gim) de frente para os encantos da terra do poeta Mário de Sá-Carneiro.



Das paredes de vidro do O Topo Martim Moniz, vista para o Castelo de São Jorge

DICA

Quem quiser apreciar os dois lados do Rio Tejo a uma altura de 80 metros: Miradouro da Ponte 25 de Abril, no Pilar



No topo da Ponte 25 de Abril

7, inaugurado em setembro de 2017. No alto, chão e paredes de vidro. O início da visita é em uma sala onde fica a maquete original da infraestrutura. Depois, surpresas incríveis, como o interior do pilar da ponte, até o topo, por um elevador panorâmico.

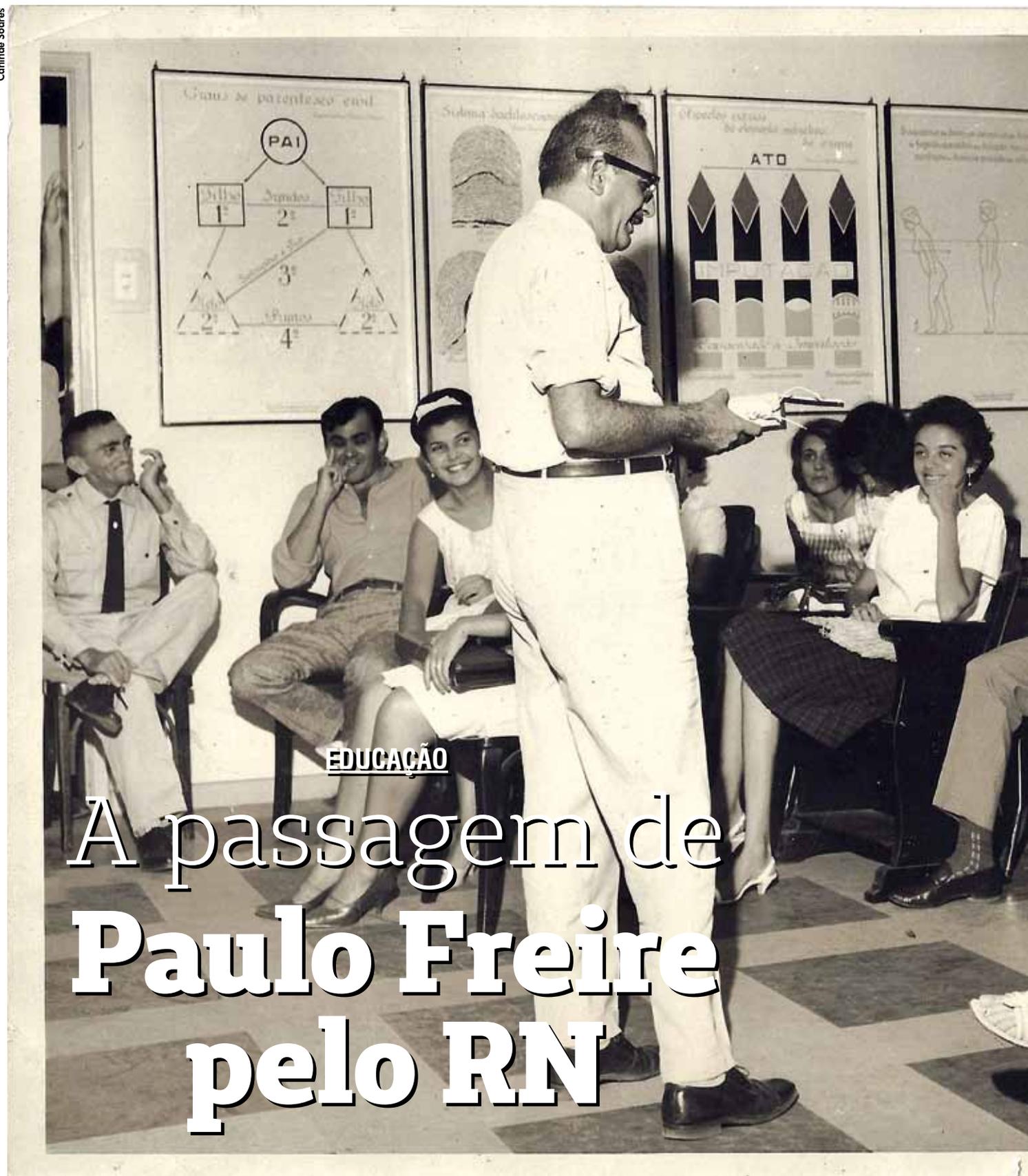


Pôr-do-sol visto do Sky Bar Tivoli Liberdade

BALADINHA

Na onda da coqueluche do momento, os *rooftop bars* estão bombando em Lisboa. Nos dias quentes, então, é se jogar nas bebidas refrescantes e apreciar do alto as belezas da “Cidade das Sete Colinas”. Um dos que mais gosto é o do Topo Martim Moniz, com bela visão para o Castelo de São Jorge. Foi pioneiro nessa ‘febre’. Um mais, digamos assim, requintado é o Sky Bar do 9º andar do Tivoli Hotel da Av. da Liberdade. Funciona das 17h até 1h da madrugada. Tem também o Sky do Tivoli Parque das Nações, com bela vista para o Rio Tejo. Bom, tem *rooftop* para todos os gostos e bolsos.

Carindé Soares



EDUCAÇÃO

A passagem de Paulo Freire pelo RN



Seminário inicial de formação de coordenadores em dezembro 1962

PROGRAMA 40 HORAS DE
ANGICOS, REALIZADO DURANTE
O GOVERNO DE ALUÍZIO ALVES,
TEVE A PARTICIPAÇÃO DO
SOCIÓLOGO MUNDIALMENTE
FAMOSO E FEZ HISTÓRIA
NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA,
EMBORA TENHA SIDO
SUFOCADO PELA DITADURA
MILITAR E NUNCA MAIS
RETOMADO

Por Rafael Barbosa
Fotos: Rafael Barbosa e arquivo

No começo dos anos de 1960, aterrissou sobre o sertão de Angicos, região Central do Rio Grande do Norte, professor visionário com uma turma de jovens que queria mudar o mundo. E começariam pelo interior, com projeto que tinha por objetivo apresentar à população de lá nova forma de ver as coisas. Eles os ensinariam a ler e a escrever.

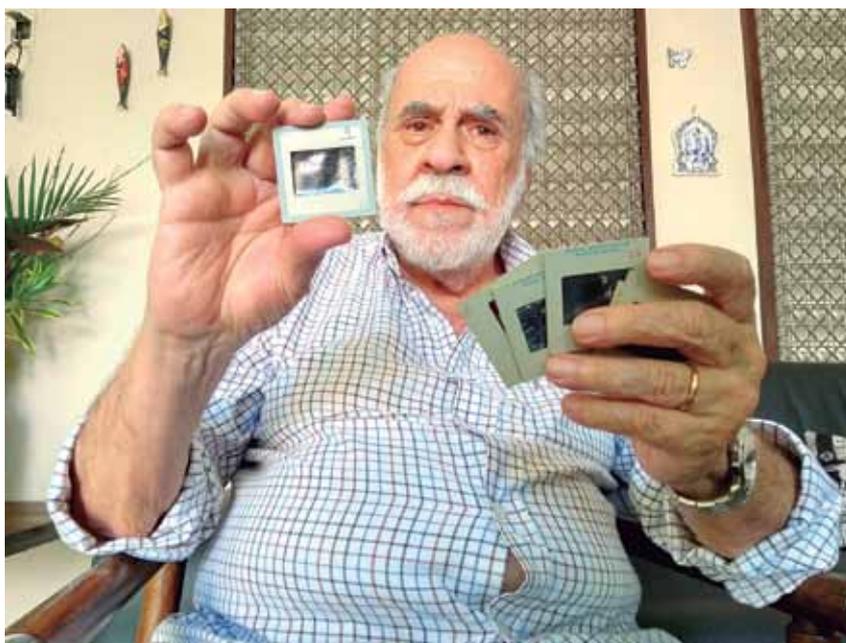
O programa “40 Horas de Angicos” se tornou referência no ensino da leitura no país, mas foi sufocado pela Ditadura Militar e nunca mais retomado. Essa história começa a ser contada em 1963, um ano antes do golpe. O estado potiguar tinha solo fértil para iniciativas de educação popular. “Comecinho dos anos 60. Havia grande mobilização política no país”, conta o advogado Marcos Guerra, que coordenou o projeto.

No RN, já ocorria o Movimento de Escola de Base (MEB), projeto da Igreja Católica que propunha educar e alfabetizar por meio das escolas radiofônicas, a partir das emissoras católicas. Na capital, também já começava a caminhar o *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler*, projeto da Prefeitura de Natal que promovia a alfabetização da população mais pobre da cidade.

“Havia demanda e havia interesse, porque o adulto analfabeto não votava”, diz Marcos Guerra. No mesmo período, assumiu o governo do Estado Aluísio Alves. Alinhado à presidência estadunidense, então ocupada por John Kennedy, ele recebeu dinheiro da chamada Aliança para o Progresso, programa de cooperação dos Estados Unidos.

“Um grande financiamento para os países da América Latina, porque o sucesso de Fidel Castro em Cuba levava a juventude e algumas lideranças políticas a dizer ‘vamos como em Cuba’. Então Kennedy fez uma proposta, Aliança para o Progresso, para que os países da América Latina pudessem se modernizar e resolver essas questões de base: saúde, educação, acesso à terra e habitação”, explica Guerra.

O então secretário de Educação de Aluísio Alves, Calazans Fernandes, identificou que a alfabetização poderia ser uma das áreas a receber investimento. “A prefeitura (de Natal) estava fa-



Marcos Guerra segura os slides usados nas 40 Horas de Angicos

zendo, a Igreja estava fazendo, o Estado poderia fazer também. E tinha a oferta financeira da Aliança para o Progresso. Foi aí que começou”, lembra Marcos Guerra.

Como havia uma mobilização das representações estudantis para levar os ensinamentos da academia para a sociedade, do lado de fora dos muros da universidade, os estudantes foram

convidados para participar desse processo.

Marcos Guerra presidia a União Estadual dos Estudantes (UEE). “Nós topamos e identificamos Paulo Freire, que havia começado alguma coisa nesse sentido em Pernambuco, com oito empregadas domésticas. Conversamos com Paulo Freire e ele também topou”.



Em um seminário, Paulo e Marcos



Fala de Marcos Guerra durante a aula inaugural

300 PESSOAS EM 40 HORAS

A turma de 20 estudantes recrutados se juntou ao professor e, depois de ter aulas com Paulo Freire durante uma semana, o grupo se mandou para Angicos, terra natal do governador Aluísio. Os voluntários passavam a semana, de segunda a sexta, na cidade. Além das aulas, realizavam seminários para corrigir os erros das práticas diárias.

Marcos Guerra conta que, à época, havia certo temor das lideranças políticas em relação ao projeto. O medo era de que a leitura levasse também uma consciência mais crítica aos novos eleitores, e desfizesse os currais eleitorais no interior potiguar.

“Eram 900 eleitores na cidade de Angicos. Quarenta horas depois, existiam 300 novos eleitores. Isso bagunçava o controle do curral eleitoral. Por isso que foi feito em Angicos. Era a terra de Aluísio e ele disse ‘eu tenho autoridade moral para depois levar para os outros municípios, porque eu fiz no meu e corri o risco’, lembra.

Foram 300 pessoas alfabetizadas no pequeno município da região Central, através do que se conhece por Método Paulo Freire. As aulas aconteciam à noite, uma hora por dia, cinco dias por semana, totalizando as 40 horas ao fim de 8 semanas. Na maioria das vezes, ocorriam em casas cedidas pelos próprios alunos alfabetizados.



Famílias foram alfabetizadas juntas



Ao fim de oito semanas, 300 pessoas estavam alfabetizadas

MÉTODO

Marcos Guerra recorda que eram os alunos que pautavam essas aulas. “Ali, à noite, era discutido o que eles viam durante o dia, no seu trabalho, na sua rotina. Não havia, como existe na educação tradicional, uma ruptura entre o que se passa na sala de aula e o que se passa na sua vida. Aí é que está a eficácia do projeto, eles acabavam treinando as palavras que aprendiam em sua rotina diária”, acrescenta.

Aos 22 anos de idade, no segundo ano de Direito, Marcos Guerra começou a comandar o programa, e também foi um dos professores. O conteúdo usado para a alfabetização era chamado de “conscientização”. Segundo Guerra, os momentos também eram usados para debater com os alunos - pessoas menos abastadas e que ocupavam funções sociais que eram menosprezadas - sobre o seu papel na sociedade.

“Na hora que você está discutindo a questão da moradia, do trabalho, dos contratos de trabalhos, dos direitos, do voto do povo... Na hora que você está discutindo cada um dos temas que são do dia a dia deles, isso está gerando uma possibilidade de debater se a situação presente é normal, se é legítima, se corresponde aos direitos, entende? No debate surgia a conscientização, gerava uma atitude mais dinâmica daquilo que se chama hoje de exercício da cidadania”, detalha.



O presidente da República, “Jango”, lendo cartas de alunos antes analfabetos

O ponto central do método era que o conteúdo tinha que ter relação com a vida dos alunos, para que eles assimilassem com mais facilidade, e pudessem entrar no debate sobre a sociedade. “A segunda coisa era o que Paulo (Freire) chamava de despertar nas pessoas a necessidade de que ajam, de que atuem para transformar o mundo. Fazer com que eles entendessem que o homem, por mais simples que fosse, tinha capacidade de mudança”, afirma Marcos Guerra.

As discussões aconteciam a partir de transparências projetadas na parede. Os professores mostravam figuras de homens desempenhando atividades, ensinavam as palavras que a imagem compreendia e discutiam sobre aquela atuação humana.

Em duas das casas não havia energia elétrica, e Marcos Guerra conta que, mesmo assim, as

aulas aconteceram, sob a luz de um lampião. Além de propor revolucionar a metodologia de ensino, o programa também se apresentava economicamente viável. O custo era de 37 dólares por pessoa. O trabalho ainda se estendeu a Mossoró e tentaram implementar também em Caicó e no bairro das Quintas, em Natal. Porém esses últimos não foram executados.

O pioneirismo potiguar gerou tanta repercussão que o então presidente João Goulart viajou até Angicos para participar do evento que marcou o fim da formação os novos leitores. Marcos Guerra afirma que, ao final das 40 horas, 76% dos alunos sabiam ler e escrever sem dificuldade, e 82% tinham formado uma compreensão política. Foi o que incomodou o governo militar.



Classe Talvane Guedes reunia até curiosos na janela e na porta

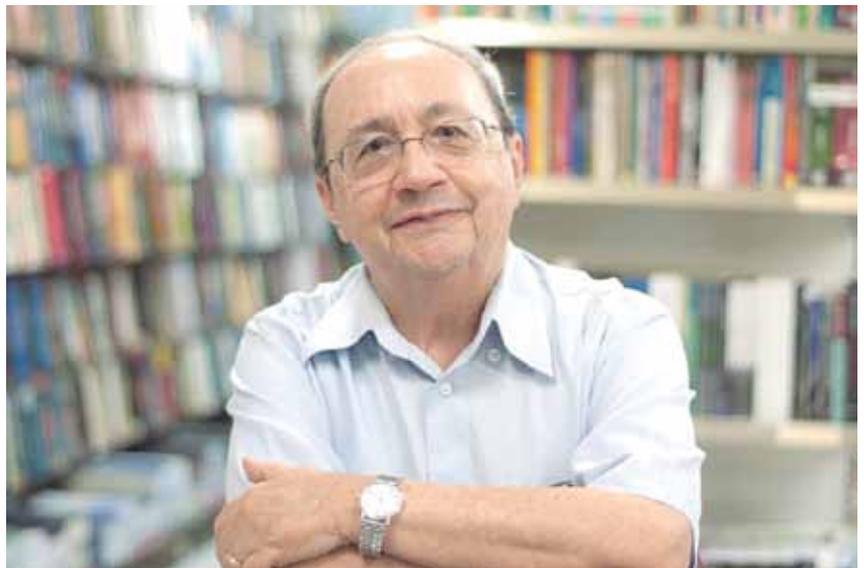


Classe Valquíria Felix e seus esforçados alunos

DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER

À época em que se implementava o 40 Horas de Angicos, o país inteiro vivia um processo de capacitação educacional, no governo de Jango. Em Natal, se desenhava um projeto inovador, para levar à parte mais carente da capital a oportunidade de aprender a ler e a escrever.

Quando assumiu a prefeitura no começo dos anos 1960, Djalma Maranhão, o primeiro prefeito eleito, resolveu atender às demandas sociais a que havia se proposto. O professor José Willington Germano, pesquisador da temática, explica que Maranhão ouviu as comunidades da cidade durante a campanha, para saber o que a população elegia como prioridade. E a Educação foi a resposta mais recorrente. O índice de analfabetismo era alto.



Professor Willington Germano, que pesquisa o “De pé no chão também se aprende a ler”

Foi aí que surgiu o *De Pé no Chão Também de Aprende a Ler*, comandado pelo então secretário de Educação Moacyr de Góes. Foram montados acampamentos e escolas de palha para ensinar. “Um mo-

vimento não só educacional, mas cultural, envolvia contexto cultural e estímulo à cultura. Havia diálogo entre os intelectuais e o povo, uma hibridação cultural”, diz o professor Willington Germano.

MOVIMENTO PELA EDUCAÇÃO SUFOCADO

Em 1964, o golpe militar tomou o poder no Brasil e caçou os projetos de cunho educacional no Rio Grande do Norte sob a alegação de que eram atividades “subversivas”. Os coordenadores foram perseguidos e até presos. Marcos Guerra foi um dos participantes detidos no quartel do Exército, assim como o prefeito Djalma Maranhão. Ambos foram exilados em seguida.

“Essa experiência foi a prova

de que é possível ter um Brasil com as pessoas alfabetizadas, todas, a um custo baixíssimo e num tempo muito curto”, argumenta Guerra. A ditadura militar dissolveu os projetos, mas a ideia perpetuou-se através dos anos.

A pedagogia bebe na fonte de Paulo Freire, e há quem o tome como inspiração para trabalhar a formação de pessoas até hoje. É o caso da pedagoga Júlia Amélia, que trabalha em um projeto

de educação para crianças e adolescentes da Comunidade do Fio, na Zona Oeste de Natal. “Oferecemos diariamente atividades educativas no contraturno escolar, ampliando o acesso à educação, o desenvolvimento humano e ético dos educandos”, explica.

Para ela, a semente plantada no começo da década de 1960 foi importante para servir de base para novos educadores. “Paulo Freire nos deixou iluminuras em



Paulo Freire continua inspirando projetos ligados à educação no RN

formas de pensamentos potentes. Decidi caminhar ao lado de Freire, que me inspira a desejar viver os processos educativos de forma mais profunda”, relata.

“A pedagogia de Paulo Freire é a expressão do desejo pela vivência da ética, da justiça do amor e da liberdade. Alimentada por esses intentos, sigo minha passagem pela pedagogia social e acredito que nesse exercício do esperar e devolver algumas estrelas para o mar”, complementa.

Apesar de essa semente ter germinado na cabeça de pedagogos mundo afora, a iniciativa das 40 Horas de Angicos nunca

foi retomada, mesmo após o fim do período militar brasileiro, por nenhum governante.

“Por que hoje tem mais analfabetos em números absolutos do que naquela época? O que eu poderia dizer, que me escandaliza, é que hoje existe esse número de analfabetos porque é interessante para os políticos, é massa de manobra de propagandas eleitorais”, critica Marcos Guerra.

Para o coordenador do projeto capitaneado por Paulo Freire no Rio Grande do Norte, os ocupantes da cadeira presidencial desde o fim da ditadura não olharam para os projetos de al-

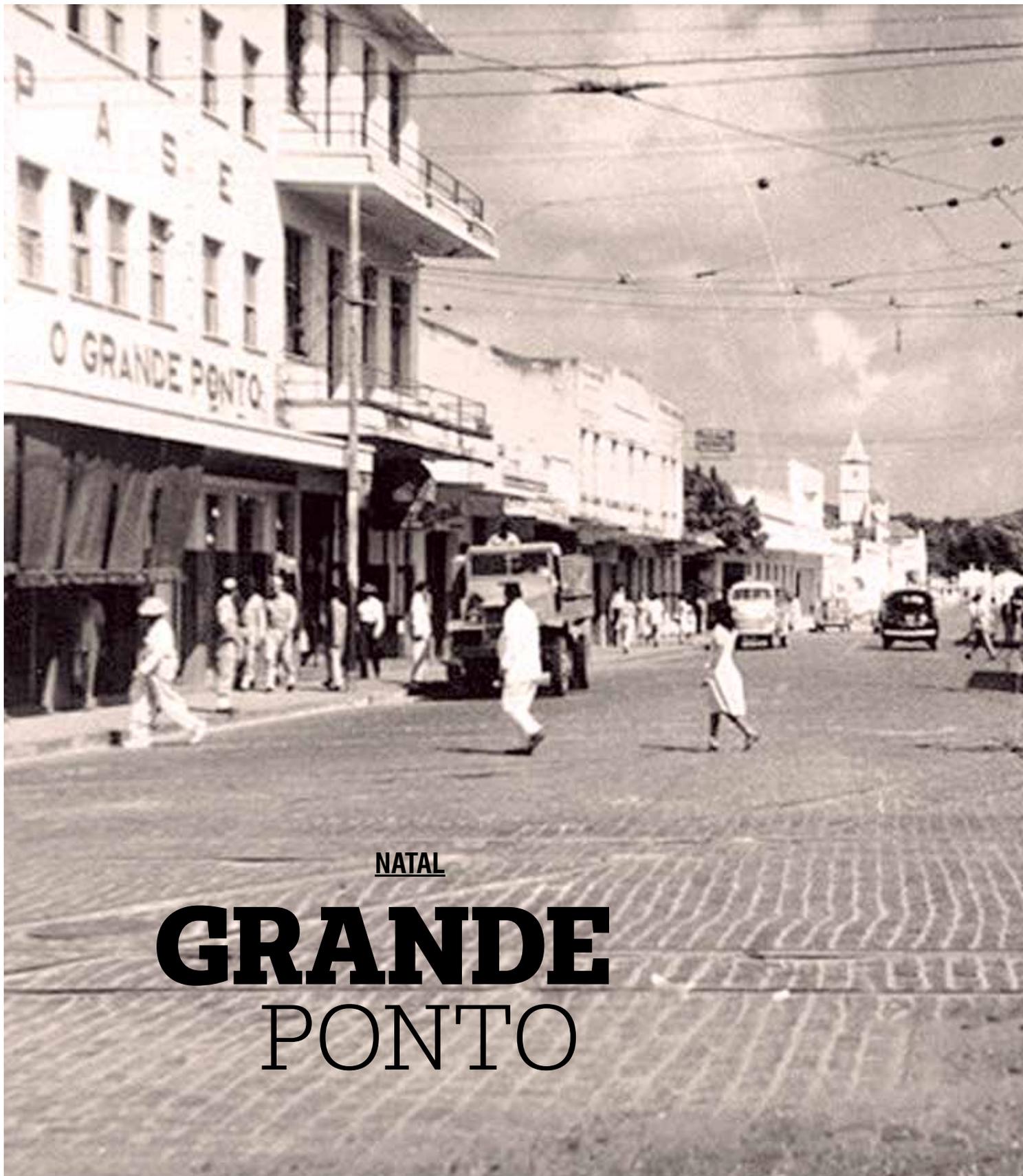
fabetização. “Nenhum deles. Um projeto que se mostrou eficaz, que causou repercussão e que é barato de executar, mas ninguém retomou. Não é de graça, tem algum objetivo”.

De acordo com pesquisa divulgada no ano passado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 11,5 milhões de analfabetos. Dados informados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) dão conta de que, no Rio Grande do Norte, 6,81% dos eleitores que vão às urnas em 2018 são analfabetos, e outros 11,46% só sabem ler e escrever.



Paulo Freire com Aluizio Alves

Foto: Jaeci



NATAL

GRANDE PONTO



LOCAL DE ENCONTROS,
DISCUSSÕES POLÍTICAS E
INTELECTUAIS FOI TOMADO
PELO COMÉRCIO, MAS SUAS
MEMÓRIAS FAZEM VIVO
O ESPAÇO IMPORTANTE
PARA A HISTÓRIA E PARA A
FORMAÇÃO DE NATAL

Por Marksuel Figueredo
Fotos: Arquivo Tavares de Lyra

“Foi a minha segunda casa na juventude”. Aos 89 anos, o advogado e escritor membro da Academia Norte-Riograndense de Letras Jurandir Navarro descreve em poucas palavras, mas com precisão o Grande Ponto. “Era o berço da boemia, do bate-papo entre literários, políticos, famosos e anônimos. Por lá, se debatia de tudo”, lembra o intelectual.

Na metade da década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, a região das avenidas Rio Branco, João Pessoa e Princesa Isabel, passou a ser frequentada como nunca pela sociedade natalense. Jurandir Navarro, por exemplo, batia ponto todos os dias no local. “Era certa-za me achar naquela região às cinco da tarde”, afirma. E foi assim pelo menos nas duas décadas seguintes.

“O Grande Ponto era democrático e, por isso mesmo, era apaixonante. Se você queria discutir futebol, discutia. Se tinha interesse pela política, era o local certo. Ah, mas também tinha quem fosse ao Grande Ponto para falar bobagem e só bater perna. A história da minha vida passa por ali”, diz.



BONDES ELÉTRICOS

O que passou por ali também foram os bondes elétricos com a urbanização da capital após a Guerra. “Natal foi base dos americanos durante a Segunda Guerra e a urbanização da cidade,

com o fim do conflito mundial, fez do Grande Ponto local de destaque. A presença dos americanos em Natal é mais um atrativo e um incremento para o bairro de Cidade Alta”, diz o historiador

Matheus Costa.

Ele lembra que o Grande Ponto foi revolucionário no processo de urbanização e modernização da capital. “Consultórios médicos, casas bancárias, clubes,

associações e cinemas também passaram a fazer parte do cenário”. O Grande Ponto abrigou os cinemas REX, Rio Grande e Nordeste. O último foi pioneiro ao transmitir as imagens da telona em um ambiente com ar condicionado e provocou grandes transformações na forma de o natalense se enxergar. Breno Câmara, também historiador, diz que Natal herdou dos americanos as necessidades das abstrações da vida urbana.

“Antes de tudo, o Grande Ponto representa a fuga do homem moderno do seu cotidiano. Os cinemas são símbolos da velocidade e dinamismo, da projeção de uma vida perfeita, quando a pessoa comum se imagina na telona. Os clubes, bares e cafés são zonas de debates, ora politizados, ora literários, ou até mesmo conversa de ‘miolo de pote’”, conta Breno. O termo Grande Ponto é homônimo a um dos cafés da região.



Breno Câmara, historiador



Do grande ponto foi feita esta foto que mostra a força pública guardando os deputados de 1935 na casa que ficava em frente



CENÁRIO POLÍTICO

A política, sem sombra de dúvidas, foi um dos assuntos dominantes no Grande Ponto durante o seu auge, entre as décadas de 1950 e 60. Freqüentador assíduo do local, o potiguar Luiz Antônio Torres Porpino, conhecido como “Marechal Porpa”, começou a ir ao Grande Ponto na adolescência e ganhou gosto pelas rodas de debates. “A gente conversa sobre futebol, cenas do cotidiano e muita política”, lembra.

O Grande Ponto era freqüentado até mesmo pelo prefeito da época: Djalma Maranhão. Aliás, na década de 1960, Djalma Maranhão reafirmou a importância social, política, econômica e cultural do Grande Ponto ao instalar uma rede de alto-falantes no espaço para veicular músicas e notícias da cidade, devido ao intenso fluxo de pessoas pela área.

“Politicamente, o evento de maior repercussão nos anos 60 foi o discurso de Leonel Brizola em frente à Confeitaria Cisne. Foi quando ele chamou pela primeira vez os militares de gorilas



O “Marechal Porpa”, dono de muitas histórias

para o Brasil todo ouvir. Eu estava lá acompanhando tudo”. O marechal conta também que no cruzamento das avenidas João Pessoa e Rio Branco, onde hoje é a Praça Kennedy, eram montados os palanques para comícios da época. Os principais discursos aconteciam no Grande Ponto.

“Lembro de um duelo entre Aluizio Alves e Djalma Marinho pelo governo. Os discursos no palanque do Grande Ponto eram termômetro para apontar quem venceria as eleições. Djalma Ma-

rinho era um jurista, intelectual, culto, mas que não reunia condições para derrubar um líder populista como Aluizio, que tinha o dom da oratória e fazia isso muito bem no palanque do Grande Ponto”, destaca.

Assim como Jurandir Navarro, o Marechal Porpa lembra com saudade dos tempos de auge do Grande Ponto. “Morei cinco anos na Alemanha e sempre carreguei do outro lado do oceano o Grande Ponto. Até hoje ainda passo por lá. É um sentimento de nostalgia”, diz.

A DERROCADA

Já na década de 1970, o Grande Ponto começa a perder sua força ao ser invadido pelo comércio informal e, ao mesmo tempo, com a expansão da cidade em direção à Zona Sul. O historiador Matheus Costa atenta para a chegada dos shoppings centers, que passam a esvaziar o berço da boemia natalense.

“O estigma de um local boêmio, de reunião para as elites da cidade de Natal se transforma em zona de mercado ambulante, sem a presença dos políticos e intelectuais. Exemplo disso é o Café São Luiz, marco do Grande Ponto. Ele voltou a abrir as portas após um período de inatividade, mas no ano passado fechou porque não foi capaz de reaver o glamour vivido pela área décadas passadas”, diz.

Hoje, o Grande Ponto é um espaço de saudade. Ainda que a parte física exista, agora substituída por outros tipos de comércio e dinâmica, a ideia de ficar presente reside apenas na memória dos que um dia viveram aquele cenário. “Os novos muitas vezes sequer sabem o que foi o Grande Ponto. Mas na verdade, a história de Natal também passa por aquele quadrado da Cidade Alta. Vale a pena conhecer”, finaliza Matheus.



Matheus Costa, historiador



O endereço do grandes encontros da capital potiguar



SURF

Descobridor dos **SETE MARES**





CONSIDERADO O
PRIMEIRO SURFISTA
PROFISSIONAL
DO NORDESTE, O
POTIGUAR FELIPE
DANTAS, QUE HOJE
MORA NA INDONÉSIA,
DESCOBRIU AS BOAS
ONDAS POTIGUARES,
COMO AS DAS PRAIAS
DE BAÍA FORMOSA E
PIPA, E É INSPIRAÇÃO
PARA SURFISTAS DO
MUNDO INTEIRO

Por Leonardo Dantas
Fotos: arquivo

Era 24 de março de 1976. Uma quarta-feira e início da Semana Santa daquele ano. Nesse mesmo dia, nossos vizinhos argentinos sofriam um duro golpe militar. No Brasil, um jovem de 15 anos e mais alguns amigos surfistas não sabiam que estavam escrevendo a história do esporte no Brasil. “Essa semana mudou o caminho do surf brasileiro”, conta Felipe Dantas, 57 anos, diretamente de Bali, na Indonésia. Em um voo da Transbrasil, o grupo chegou ao paraíso localizado a 4 graus ao sul do Equador. “Em uma tarde linda e com ondas perfeitas tivemos a honra de surfar pela primeira vez em Fernando de Noronha”.

A primeira praia a ser explorada na ilha pelo grupo, que além de Felipe contava com Ronaldo e Vanessa Barreto, Zeca Line e Gilberto Pires, foi Boldró. Aquela semana foi inesquecível para o grupo. Por cerca de 12 anos, Dantas surfou em Noronha, como ele mesmo diz, “zero crowd”, ou seja, com pouquíssimas pessoas. “Um sonho para quem teve a sorte de surfar e nomear praias como Uhuru, Abracadabras, Laje do Bode e a bela ilha nomeada por um padre, a Cacimba do Padre”.

A história de Felipe Dantas se mistura com a história do surf brasileiro. Ele é considerado o primeiro surfista profissional do Nordeste. Competidor nato e muito determinado, seu estilo até hoje é lembrado pelos fãs, tanto em publicações especializadas quanto em suas redes sociais. O consenso é que a década de 1980 foi dominada por Dantas. Venceu diversos eventos naquele período e superou as fronteiras

do surf, tornando-se ídolo em uma época que o único esporte brasileiro reconhecido no mundo era o futebol. Além de Noronha, descobriu outros diversos picos pelo litoral brasileiro. Como é o caso de Baía Formosa, que ele considera a melhor praia do Nordeste.

Filho de família tradicional de Natal, Felipe Dantas nasceu em 1961. Seu pai foi o engenheiro e combatente da 2ª Guerra Milson Dantas, inventor do processo de pavimentação Bripar. Já sua mãe, a senhora Martha Maria Campos Mello Dantas, sempre foi conhecida pelos trabalhos filantrópicos realizados na capital potiguar. Morador de Petrópolis e estudante do Colégio Marista, o garoto passava férias entre Boa Viagem e Ponta Negra, já que sua mãe era pernambucana. Foi já nesse período que surgiu o interesse pelo oceano. “Meus pais possuem uma casa ali na beira da praia de Ponta Negra desde dos anos 1950. Somos proprietários até os dias hoje. Foi por lá que comecei meus passos. Pescar em alagamar todo dia era um dos meus hobbies favoritos no final dos 1960”.

As pranchas de isopor também faziam parte do veraneio. “Nessa mesma época, surgiu o interesse por parte do meu pai e do meu irmão de comprar uma prancha de ficar em pé. Fomos até a loja Paraibana, que ficava ali na Ribeira, e compramos uma totalmente de madeira, mas era muito difícil de ficar em pé porque ela não flutuava. Foi então que ele teve a ideia de lamina-la com isopor. Deu certo e ainda surfamos por uns dois verões com ela”.

Surfando na Indonésia

Diego Balestro



A turismóloga Tatiana Puccinelli, esposa e companheira de aventuras de Dantas, praticando Bodyboard



Felipe Dantas e a esposa, Tatiana Puccinelli, com a filha Carolina Dantas, que é cirurgiã plástica, no meio

COMO ERA A CENA DO SURF POTIGUAR

O garoto de nariz descascado vibrava a cada nova prancha que surgia. “Por volta de 1973 e 1974, começou a aparecer prancha por todos os lados. Era muito legal. Adorávamos as cores, os logotipos. Vinham de vários lugares como Rio de Janeiro e Estados Unidos. O surf virou uma febre em Natal”. Ele conta que apesar do pouco tempo, já em 74, a capital potiguar possuía uma marca de prancha de nível internacional. “Natal sempre teve potencial para o surf. Não seria diferente já termos uma marca. A Radical, do shaper Ronaldo Barreto, era e é de excelente material até hoje. Depois vários outros shapers surgiram aqui graças a expansão do esporte como meio de sustento familiar e cultural para

várias famílias potiguares”.

Ele conta também que, nessa época, o surfista mais falado em Ponta Negra era o atual Governador do Estado, Robinson Faria. “Ele tinha uma das melhores pranchas da praia, que foi trazida pelo seu pai, diretamente do Hawaí. Surfávamos juntos com Felizardo Moura, Carlos Eduardo, o ex-prefeito de Natal, Geraldinho Santos, Valério Sá, dentre outras figuras importantes da sociedade atualmente. Lembro disso, porque como eles ocupam cargo de poder no Estado e na capital, está mais que na hora de a administração pública olhar para esse esporte como uma grande ferramenta sócio-turística”.

Felipe também credita bas-

tante o pai pelo desenvolvimento inicial do surf potiguar. “A partir de um campeonato do Marista, ele viu que eu realmente gostava do esporte e me apoiou muito. Um homem sempre antenado no futuro, ele sabia que surf era inovador. Uma forma também de aprender um novo idioma. Ele foi o primeiro pai a acreditar no surf como meio de vida, tudo que eu sou hoje devo a ele”.

As ondas publicadas em revistas como a Surfing Magazine encantavam Felipe. “Nessa época olhávamos as publicações de surf americanas e ficávamos sonhando como seria ter uma onda daquelas, perfeita e perto de casa. Pois o surf se resumia a Ponta Negra, Praia dos Artistas e Miami”.

Cléudio Maranhão



Felipe Dantas de amarelo em 1979



Em Baía Formosa, nos anos 1980, em manobra histórica

A DESCOBERTA DE PIPA E BAÍA FORMOSA

Alguns rumores diziam que no litoral sul, em lugares chamados Pipa e Baía Formosa, existiam boas ondas para surfar. “Pescadores confirmaram e em setembro de 1975 fomos até lá. Foi uma enorme surpresa. O lugar era lindo e tinha altas ondas. Os nomes Lajão, Lajinha e Pontal da Baía Formosa surgiram nessa época”. A praia era praticamente

virgem e não tinha muito conforto. Os aventureiros por muitas vezes dormiam nas varandas das casas de veraneio.

Baía Formosa foi a primeira descoberta fora de Natal. Até mesmo antes de Tabatinga e Pipa. No ano seguinte, Felipe desbravava o mar de Fernando de Noronha. “Seu Milson Dantas mais uma vez teve uma participação

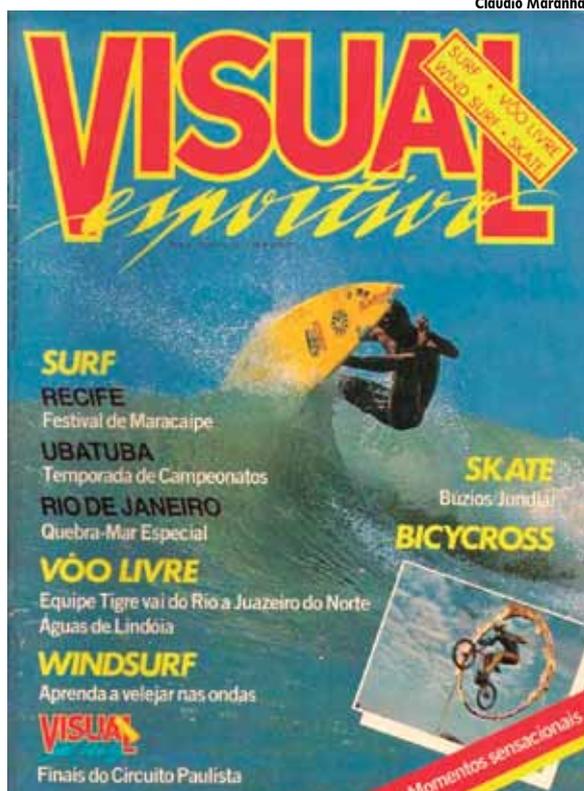
importante. Ele havia feito um trabalho para os militares na ilha e viu que as ondas eram lindas”.

Com boas ondas e pranchas de nível internacional, os campeonatos começaram a surgir no litoral potiguar. “Nascia ali uma cultura de competições que não havia nem no sudeste. Os campeonatos eram no RN, Pernambuco, Ceará e Alagoas”. Pouco tempo

depois, Felipe foi vice-campeão brasileiro, em Maracáipe (PE), e no mesmo ano 1984 estampou a capa da Revista Visual Esportivo. Pela primeira vez a praia de Baía Formosa aparecia em uma publicação nacional.

“Não se forma campeões sem onda de qualidade para aprender a entubar com perfeição. Sempre digo isso quando me perguntam se o RN tem onda. Estarmos atualmente no Top do Surf Mundial e é um presente a todos que contribuíram com muito esforço físico, financeiro e mental desde a nossa primeira competição em 1975. Somos de um estado pequeno que nunca teve marcas nacionais que patrocinasse as novas gerações.

Cláudio Maranhão



Capa da Revista Visual, edição de 1984, com Felipe Dantas na praia de Pipa

Fábio Gouveia



Felipe surfando no Dique de Cabedelo, em 1985

CAMPEONATOS BRASILEIROS E INTERNACIONAIS DE SURF

A experiência internacional começou em 1979 na sua primeira viagem ao Hawai. “Até o final da minha carreira em competições, em 2005, conheci todos os continentes, fiz amizades que até hoje me recebem muito bem. Aprendi muito culturalmente sobre turismo, comidas, lendas, histórias locais e uma diversidade de coisas do dia a dia que muda de país para país. Falar inglês foi imprescindível, nos dá mais

acesso à informações do mundo moderno e à mídia. Aqui em Bali, algumas crianças de ilhas remotas pedem um dicionário Bahasa Indonésio/Inglês para aprender e ter mais oportunidades”.

Felipe competiu internacionalmente por 25 anos. O primeiro torneio aconteceu no Rio de Janeiro, em 1980, no Arpoador. O Waimea 5000 que era também uma das primeiras competições de surf realizadas no país. “Tive

excelentes resultados no Hawai, Europa, África do Sul e aqui no Brasil. Cheguei a estar em 19º no atual ranking da era moderna da WQS surf, um ranking do Circuito Mundial de Surf, que classifica para o WCT, que corresponde a elite mundial do surf”.

Uma de suas viagens a Fernando de Noronha, que ainda não estava no circuito de surfistas do mundo, aconteceu em 1983. Felipe guiou o repórter

Fábio Gouveia



Felipe Dantas e Fábio Gouveia ao lado do campeão mundial Cheyne Horan (fileira do meio)

Bruno Alves



Felipe Dantas (na ponta) em Fernando de Noronha apresentando a ilha para o jornalista Bruno Alves da Fluir

Marco Leleu



Descobrimo Fernando de Noronha

Michel Graf Lichnowsky



Muitas quilometragens praianas do Fiat de Felipe Dantas



Claudio Maranhão

Os anos 80 foram dominados por Felipe Dantas



Bruno Alves

Em Fernando de Noronha no ano de 84

Bruno Alves, recém-contratado da Revista Fluir, até a ilha a bordo de um veleiro. Na matéria que desvendava pela primeira vez o local, uma curiosidade daquela época onde havia muitas terras inexploradas. O repórter intitulou o texto de “Quatro Graus ao Sul do Equador”, o acordo era não “dar o nome aos bois”, ou seja, para evitar a invasão de surfistas, as publicações davam poucas pistas de onde eram os lugares com ondas tão perfeitas. Uma “tradição” que não se seguiu tempos depois. Felipe Dantas foi capa da revista Fluir em 1985, num registro de onda na

ilha que descobrira.

O potiguar também era conhecido por sempre trazer novidades para os demais surfistas do Nordeste, inclusive a “chinfra”. Na edição 02.6 da versão brasileira da revista The Surfers Journal, o paraibano Fábio Gouveia, outro ícone do esporte, conta sobre sua admiração por Felipe. No texto ele narra as diversas vezes que descia para a praia nos mesmos horários de Felipe, apenas para observar o ídolo, que sempre usava uma joelheira. Mesmo sem nenhum arranhão, Gouveia também passou a usar uma, pois queria ficar

o mais parecido possível com Felipe. Em outra ocasião, Dantas vestia uma camiseta com apenas uma das mangas. Dias depois, Gouveia aparece na Praia do Bessa, em João Pessoa, com uma camiseta sem manga. Como ele mesmo escreveu “só de chinfra”.

Por volta de 1986, nascia a Associação Brasileira dos Surfistas Profissionais (ABRASP). O circuito passou a ser realmente profissional com prêmios em dinheiro e regras internacionais. “Quando o circuito brasileiro começou, decidi que morar no Rio era necessário. Pois era perto de todas as outras provas e também



Felipe Dantas em Lagundri Bay, Nias, Indonésia

da principal mídia esportiva da época que era a Rede Globo. Eu fiz amizades com pessoas que me ajudaram a aparecer no Fantástico, Esporte Espetacular e Globo Esporte por várias vezes e sempre quando tinha um ótimo resultado nas competições”. Na praia Rio Doce, em Búzios, Felipe era o primeiro a chegar. Por volta das 4h da manhã, quem passava pelo local já via uma S10 parada e Felipe observando as séries.

No Rio, morava na Barra da Tijuca e foi vizinho do jornalista esportivo Fernando Vannucci, que era o Chefe de Redação Esportiva da Rede Globo. “Ele sem-

pre arranjava um espaço e metia as competições brasileiras da ABRASP ao redor do Brasil na tela da TV. O Surf foi se tornando uma febre em todas as praias ao longo dessa jornada de 32 anos de profissionalismo. É lindo de ver isso hoje em dia o Brasil bicampeão do mundo em um esporte tão disputado no planeta”.

Com o nome brilhando no cenário nacional e longe de casa, Felipe levou o RN pelo mundo e também foi pioneiro nas viagens “Surfaris”. Uma gíria que une as palavras surf e safari para denominar a busca por lugares isolados, com natureza selvagem e

boas ondas.

Ele conta que o Rio Grande do Norte tem fama internacional através de transmissões de TV a cabo e via broadcast. “Há um retorno grande para o turismo potiguar. Isso, sem ajuda governamental nenhuma. Outros locais foram transformados pelo surf em centros turísticos mundiais. É sem dúvida uma das maiores ferramentas de marketing do mundo moderno, como por exemplo onde moro atualmente. A ilha de Bali, na Indonésia, recebe 12 milhões de turistas anualmente. Grande parte de surfistas deixando milhares de dólares”.

Aaron Chang



Fotografado por Aaron Chang no North Shore havaiano, em 89



Oráculo das ondas, Felipe é conhecido pelo feeling para descobrir os melhores picos

CRÍTICAS À FALTA DE INCENTIVO NO RN

Para Felipe, o nosso estado possui ótimas condições para se tornar uma referência mundial. “As praias são lindas, a temperatura da água também é boa, e é fundamental. Pipa não se tornou o que é hoje da noite para o dia. Não teve ajuda do governo. Foram os surfistas divulgando mundo afora. Os gringos sempre mais antenados, chegaram juntos e fizeram acontecer”.

Além de Pipa e Baía Formosa, Felipe destaca o litoral na região de Gostoso e as Urcas de

Galinhas, que segundo ele, nesse verão de 2018 foi um dos assuntos mais comentados do ano no Canal OFF, na TV a Cabo. “O surf movimenta bilhões de dólares por ano. São passagens, estadia, alimentação e serviços do mais variados ligados a praia, aventura e relaxamentos”.

Mas as críticas não vão apenas para o poder público. “Ítalo Ferreira é um exemplo desse nosso trabalho de décadas no surf. Somente de premiação ele já deve ter ganhado algo

em torno de R\$ 1 milhão. Fora os contratos e patrocínios. Eu gostaria de perguntar ao povo do RN, qual o atleta potiguar que já faturou essa grana em somente 6 meses de trabalho? A sociedade tem que acordar também. O surf é um dos nossos principais esportes. É o único atualmente que tem um atleta reconhecido mundialmente, aparecendo nas maiores emissoras de TV do planeta. Sempre colocando o nome de Natal em evidência”.

Em 1999, com 38 anos, Felipe foi convidado pela Associação dos Surfistas Profissionais (ASP) para participar de um mundial no Rio de Janeiro. “Me saí muito bem, perdendo apenas para Sunny Garcia, campeão do Rio Alternativa Pro. Hoje, esse evento é patrocinado pela OI e é um dos maiores do Brasil. Chega a levar mais de 30 mil pessoas a praia na final em Saquarema. Um município que investiu muito em mídia e marketing, junto com o Governo do Rio e a OI, para que esse sucesso acontecesse. É um exemplo de um ótimo trabalho entre esporte e turismo”.

Longe das competições desde 2005, Felipe mora atualmente em Bali, onde comanda a companhia OnParadise2, um receptivo de surfistas e turistas que queiram conhecer as belezas da ilha. Porém, mesmo nos negócios continua surfando “como um garoto”. São 48 anos de prática do esporte. “Minha esposa Tatiana Puccinelli e eu sempre vínhamos para Indonésia, passávamos pelo menos 5 meses por aqui. Há 3 anos decidimos vir de vez. Aqui é um país lindo, rico em diversidade. Tem montanhas, cachoeiras, hotéis maravilhosos e um água do mar cristalina”.

Desde a mudança definitiva, o casal não voltou mais a Natal. “Aqui temos ondas de janeiro a janeiro. A violência é muito pequena. Você não precisa se preocupar com roubo de carro, celular ou qualquer outra coisa”.

Mesmo com saudades da família e amigos, o fator segurança pesa mais. “Nos sentimos seguros aqui. Essa conjuntura social estabelecida sem responsabilidades no Brasil nos afasta. Deixo aqui meus votos de melhora para a capital de sol e mar”.

Como o próprio espírito do surf, Felipe também é desapegado às convenções modernas e não gosta muito de dar entrevista. O esporte inovador também

reflete na maneira que encara a vida. Sempre olhando para frente. “O hoje é o importante. O que passou é história. É sobre quem somos hoje e o que estamos fazendo”. Divide com o saudoso pai, os méritos que recebe por ter feito a diferença no surf português. Nas publicações especializadas e nas redes sociais dos fãs, Felipe Dantas continua sendo a lenda. “Vê aí o que você vai escrever, hein?”, finaliza.



Atualmente morando em Bali, Felipe e Tatiana comandam a OnParadise2



Reunião com a Liga Mundial de Surf, em Bali

LEONARDO FREIRE



BAHIA

A Casa de **Tereza**

Tereza Paim, chef e proprietária

É UM TÊ COM
QUÊ DA BAHIA, É
COMIDA, É ARTE,
É CARINHO. É
RICA CULTURA
EM FORMA DE
GASTRONOMIA NO
LUGAR QUE VOCÊ
SE SENTE EM CASA
OU, MELHOR, SE
SENTE FAZENDO
PARTE, SENDO
UM PEDAÇO DO
ESTADO DE TODOS
OS SANTOS,
ENCANTOS E AXÉS

Por Patrícia Carvalho
Fotos: Solange Rossini e
divulgação



Entrar na Casa de Tereza é ter a sensação de viver, além da gastronomia, a arte. Todo o restaurante é delicadamente decorado, dando um tom convidativo a quem anda pela Rua Odilon Santos, no bairro Rio Vermelho, e se vê encantado por um casarão com grandes janelas para a rua e um portão colorido pelas fitas do Senhor do Bonfim que fazem questão de voar no ritmo do vento que as atinge.

Quando entramos no restaurante, a primeira coisa que chama atenção é um quadro disposto ao lado direito do estabelecimento. Nele há uma mulher negra, com vestes brancas típicas de um dia de sexta-feira para os adeptos do candomblé. Na cabeça um lenço e, ao seu redor, elementos do sincretismo religioso, entre eles os orixás, flores e o morro de Tanquinho, pequeno município do interior da Bahia com 8.510 habitantes, segundo o censo do IBGE 2013. Mais tarde, ficamos sabendo que aquela mulher é Tereza e o morro detrás de sua figura é a representação de sua cidade de origem.

Em Tanquinho, Tereza teve contato com fazendas e com a culinária de sua avó. Aos cinco anos de idade, ela já queria cozinhar e, enquanto as crianças brincavam na rua, Tereza só queria saber de estar na cozinha. Aos quinze, foi ela quem preparou o buffet de sua festa, que deveria ter entre 45 e 60 convidados. O pai de Tereza também tinha um posto em um ponto de ônibus. Um estabelecimento em que saíam lanches, refeições, e Tereza adorava ficar com o pai na cozinha, ajudando-o.

Depois, mudou-se para Salvador para estudar. Se formou engenheira de sistemas e teve empresa de telecomunicações que posteriormente foi vendida para uma multinacional. Mas apesar

de tudo ir bem, chegou um tempo em que Tereza não queria saber de mais nada que não fosse cozinhar. Abriu então um restaurante na Praia do Forte e um buffet no bairro do Rio Vermelho, onde hoje funciona o *Casa de Tereza*. Na Praia do Forte, seu restaurante tinha por nome *Terreiro Bahia*, mas todo mundo só indicava o lugar como sendo o restaurante de Tereza Paim, nome e sobrenome da proprietária. Com o tempo, Tereza ficou apenas com o buffet, mas mudou sua forma de servir.

Antes mesmo de comprar as casas geminadas onde hoje funciona o restaurante, Tereza começou a comprar arte para o local. Um dia saiu da ginástica e, tendo o seu motorista demorado a chegar para buscá-la, foi andar pelas ruas. Foi nelas que encontrou um leão. De tão grande, também era pesado, de forma que foram necessários quatro homens, um deles o seu motorista, para conseguir carregar a peça até o carro. Tereza havia alertado ao motorista, ainda por telefone, que não sabia como iriam levar o objeto para o carro e, ao ver a peça, Seu Ricardo perguntou onde ela colocaria. Docemente ela lhe respondeu: “Você não sabe que eu vou abrir um restaurante?”. E assim foi. Foi Ricardo que um dia tendo passado pela Rua Odilon Santos, lhe disse: “Achei o lugar de seu restaurante”. “Onde, menino?!”. Ricardo completou que ficava ali, onde tinha sido uma cantina italiana, e que agora havia uma placa informando o aluguel/venda do imóvel.

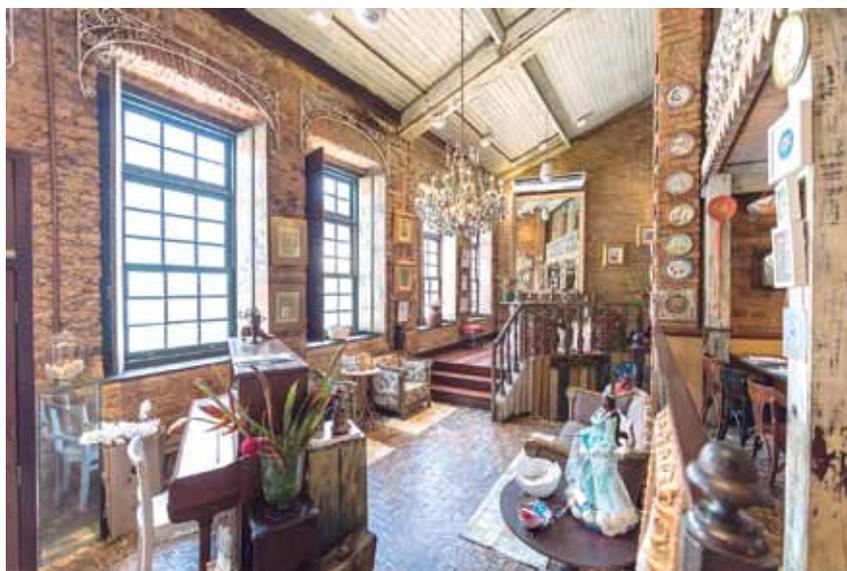
Tereza ligou para imobiliária, marcou uma visita e quando entrou no lugar, descreve que foi como “quando você conhece um homem, o olha, e tem a certeza de que ele será seu marido, não há muitas explicações sobre. É mais o sentir”. E assim segue a proposta de seu restaurante: ver, tocar, sentir e levar a Bahia.

PARA SE SENTIR EM CASA

Tereza reaproveitou muitos dos móveis que já tinha no local, inclusive os cardápios, artesanais. Precisou fazer reformas, mas ainda assim muita coisa foi conservada, as paredes do estabelecimento são as mesmas, e então tudo foi acontecendo. Ela queria que o restaurante fosse a extensão de sua casa, um local para receber as pessoas, como temos em nossa casa.

Queria que as pessoas se sentissem em casa, tendo acolhimento, aconchego, e que percebessem isso na decoração. Por isso, muitos móveis, inclusive algumas mesas de seu estabelecimento, foram reaproveitados quando considerados em bom estado; uma de suas mesas, por exemplo, de forma retangular e cor azul, teve o tampo reutilizado, enquanto suas pernas foram substituídas. Outra mesa do restaurante, redonda, onde fizemos essa entrevista com Tereza, foi obra de uma amiga, e traz a arte na madeira, disposta logo abaixo de um tampo de vidro. Não existem muitos móveis iguais na *Casa de Tereza*, mas todos eles conversam entre si, harmonicamente, e têm sua história particular, como em *O Sistema dos Objetos*, de Jean Baudrillard. Juntos, cada um desses móveis traz um detalhe especial ao lugar.

Muitos deles foram retirados literalmente do lixo e, então, ressignificados, como o encosto de algumas cadeiras descartadas na Praia do Forte. Os encostos tive-



FÁBIO MARCONI



ram a madeira tratada, ganharam espelhos, e hoje adornam o ambiente. Assim também foram reaproveitadas janelas e, claro, alguns elementos utilizados pela família de Tereza também fazem parte do lugar. O grande tacho

utilizado pela bisavó materna, Nati, para fazer doces, hoje se encontra no espaço que leva o nome de seu avô paterno e de seu tio, respectivamente, no restaurante: *Vendinha de Samuel e Totó*; uma balança de ferro, também de sua



Galeria Yemanjá

família, se encontra no mesmo espaço. E assim, aconchego, memória e gastronomia, se fazem na *Casa de Tereza*, como nas palavras de um designer que esteve no estabelecimento descreve: “a comida de Tereza são como as rendas da Bahia: delicadas”.

O restaurante é dividido em seis espaços e todos eles misturam gastronomia, arte e cultura. Neles, assim como na Bahia, podemos ver de forma muito forte a presença do sincretismo religioso. Próximo à entrada e abaixo do quadro que representa Tereza, temos uma Yemanjá e, a seu lado, um cesto com diversas frutas indica uma oferenda a orixá.

Se então formos para a esquerda do estabelecimento, acharemos uma sala de recepção com um sofá que nos convida a senti-lo. Nele, almofadas tão macias quanto seu aspecto; mas, se ao entrarmos no restaurante escolhermos seguir reto, teremos o *Salão Galeria Yemanjá*. Um pequeno quadro com a orixá avisa que o espaço é dela. Nas paredes, uma publicidade no estilo retrô e mesas com imagens de outros orixás, sendo um deles Oxum.

Depois, antes de chegarmos ao próximo espaço, passamos por uma parede que lembra a família de Tereza. Fotos de seus pais, no dia do casamento; de seus avós,

avós, e de sua bisavó, Nati, que está presente em pintura e também em fotografia. Nati tocava piano, e Tereza não conseguiu conhecê-la em vida. Mesmo assim, sua bisavó se encontra no restaurante. Não por meio de seu piano de calda, que até hoje continua no sítio onde viveu, sob os cuidados de alguns familiares de Tereza, mas por meio do som de um piano de armário que se encontra na sala de recepção do estabelecimento, tocado por um pianista que já está com Tereza há quatro anos, toda sexta e todo sábado, das 19h 30 min às 23h e, no domingo, das 12 às 16h, no restaurante que abre todos os dias ao meio dia e encerra suas

atividades à meia noite. A exceção é o domingo, quando fecha às dez da noite.

Tereza me diz que todos os seus familiares continuam ali. Quando subimos os degraus ao lado dessa parede com fotos, estamos no *Salão Bel Borba*, artista plástico baiano, admirado por Tereza, de quem ela comprou algumas telas e batizou o espaço com o mesmo nome. Saindo por esse ambiente, podemos voltar pela recepção e encontrar algo como um porão. É o espaço *Vendinha de Samuel e Totó*, onde se encontram dendê; azeite; suvenires que remetem à Bahia; sabonetes artesanais; o aromatizante de cravo e canela que Tereza usa no restaurante e que quando fazíamos esta entrevista sua funcionária, docemente chamada por ela como *Ju*, borrija em uma das madeiras que servem como viga de sustentação para o estabelecimento.

No espaço também existem sequilhos, de diferentes formatos. Comprando-os, os clientes têm a possibilidade de cumprir a proposta do restaurante: sentir a Bahia e levá-la consigo. Afinal, o slogan do restaurante se confunde com a Bahia: “*Cada tê de Tereza, tem um quê de Bahia*”. Mas o que nos chama a atenção na *Vendinha* é um armário com recipientes de barro. As panelas são obra de *D. Cadú*, uma senhorinha de 98 anos moradora do pequeno povoado de Coqueiros, pertencente à cidade de Maragogipe, na Bahia, que faz panelas de barro



especialmente para Tereza.

São nessas panelas que os chefs do restaurante cozinham. E, claro, delas também dependem o sabor de cada prato do estabelecimento, que conta com dois cardápios: um de comida tipicamente baiana e outro de comida autoral. Tereza diz que são os pratos baianos os que mais têm saída, porque as pessoas procuram isso em seu restauran-

te: a tradição, o gosto da Bahia. Um de seus pratos é o *Ana Bueno*, um delicado prato servido em uma cumbuca de barro com um fogareiro embaixo, mantendo a temperatura da iguaria, enquanto seus acompanhamentos são servidos em material que lembra ágata. O cuidado está nos detalhes e os talheres para a refeição são dispostos em uma espécie de cesto de palhinha.



Moqueca Ana Bueno, composta de camarão, polvo, peixe fresco e banana da terra

O prato que leva o nome de sua amiga, Ana Bueno, chef do restaurante *Banana da Terra*, em Paraty, no Rio de Janeiro, é composto de uma moqueca composta de camarão, polvo, peixe do dia, e banana da terra. Seus acompanhamentos são macaxeira (chamada aipim na Bahia), pirão, arroz e farofas de azeite e de alho. Também com molhos lambão e pimenta dis-

postos em recipientes menores. Há ainda uma folha de coentro e uma pimenta malagueta que, junto ao alaranjado da moqueca em seu recipiente de barro, encham nossos olhos e dão um gostinho a mais no prato. Seu sabor tem um polvo macio, um camarão da mesma forma, e uma banana da terra que dá um tom agridoce ao prato. Tudo feito com matérias-primas e especiarias que têm origem no cultivo de pequenos produtores da Bahia, livres de agrotóxicos e que possibilitam que os clientes de Tereza tenham acesso a uma comida saudável, onde se sabe a origem adequada e segura de cada ingrediente utilizado nos pratos da casa. Esses pequenos produtores estão espalhados pela Bahia e alguns deles Tereza já conhecia desde antes, de Tanquinho-BA. Sua relação com

esses produtores vai além da compra e venda. De tempos em tempos, Tereza os visita.

Continuando nosso tour pela *Casa*, escolher sair pelos fundos do espaço *Bel Borba* é encontrar uma escada que dá acesso aos *Salões Terreiro* e *Barroco*. São espaços para realização de eventos, que representam o terreiro no candomblé e os santos católicos em imagens do barroco, respectivamente, e onde já houve casamentos, héteros e homoafetivos; recepção, e, casamento de bruxa, onde toda a decoração e o vestido da noiva seguiam o tema.

No primeiro espaço, *Terreiro*, fitas do Senhor do Bonfim voam ao vento do ar condicionado. Na parede, fotos de uma amiga de Tereza mostram visceralmente a Bahia e seu povo. Obras adquiridas por Tereza para o lugar.



Casa de Tereza, espaço Terreiro

Entre um salão e outro, uma mesa, como nos templos da religião de matriz africana, com elementos do candomblé, e então passamos para o espaço *Salão Barroco*, também com mesas e cadeiras e elementos próprios. Nesse espaço, vemos mesas com cadeiras bem estilizadas, típicas de um artesanato de reúso, mas é um oratório que chama nossa atenção. Este foi comprado por Tereza, que também chegou a adquirir móveis de um estabelecimento que fechou em São Paulo para o seu restaurante, fazendo um acordo: tudo que subisse no caminhão seria comprado por setenta reais, já que havia muitos objetos e pouco tempo hábil para a escolha. Nessa leva estavam também móveis de jacarandá.

E assim Tereza dispôs seu espaço. Cultura, arte e gastronomia sempre estiveram ligados ao seu restaurante, desde a sua abertura, até porque a sua casa também é assim, *cheia de arte*, diz. Seu quarto inclusive. Chegou uma hora em que não cabia mais arte em suas casas. Então ela colocou-as para o restaurante. O *Casa de Tereza* já recebeu diversos prêmios, entre eles o *Comer & Beber*, da Revista Veja; o da *Associação dos Restaurantes da Boa Lembrança*; o da *Associação Brasileira de Bares e Restaurantes*, Abrasel; o certificado de excelência do *TripAdvisor*; e o prêmio da Revista *Quatro Rodas*. Tereza não lembra de todos, foram muitos, mas sempre que ganha um prêmio faz questão de dizer para os seus funcionários: “Este prêmio



Espaço Barroco

faz parte do passado de vocês. Não do futuro". Na prática, isso significa que Tereza direciona todos os prêmios que recebeu e recebe, além da procura da mídia pelo seu estabelecimento, ao trabalho duro que sempre teve em sua vida, um trabalho de chão, árduo. Na semana em que a entrevistamos, o *Casa de Tereza* havia recebido o evento da revista *Prazeres da Mesa*, do qual fizeram parte Bela Gil, o chef Lucas Corazza, do Programa *Que Seja Doce*, exibido pelo canal GNT, entre outros nomes conhecidos da gastronomia. Tereza fez parte do evento e por quase uma semana esteve lá, dando colorido e um toque especial, seja na culinária baiana, seja em cada cantinho pelos quais passou, sempre ajeitando a disposição dos objetos.

O evento acabou na quinta-feira, 5 de julho. Na sexta, dez e meia da manhã, ela já estava em seu estabelecimento para ser entrevistada por nós. Tereza tem a baianidade e a doçura no olhar e no sorriso. Por diversas vezes se emocionou ao lembrar sua família. E é dessa mesma forma que se mostra aos seus clientes, sempre disposta a tirar fotos aos que lhe solicitam. Nesse dia, atendeu ao pedido de um casal de turistas e sua filha, todos dispostos com a camisa do Brasil. Nesta sexta Tereza tirou folga, e de blusa azul da cor do Brasil e calça branca, aos seus 57 anos, saiu para acompanhar o pessoal da revista *Prazeres da Mesa* no jogo do Brasil, mas não sem antes se desculpar conosco por não po-



FOTOS: MARCELLO FONTES



der nos acompanhar no almoço e sem levar o *tê de Tereza*.

Esta é Tereza. Tereza Dolores Paim. E esse é o atendimento que se tem no *Casa de Tereza*. Um de

seus projetos é lançar um livro sobre a Bahia, contando histórias, causos, e onde também possa constar receitas. Projeto que pode ser realizado ainda este ano.

PERFIL

Arte por amor



ARTESÃ POTIGUAR
MAGALE LUZ
REDESCOBRE A
PROFISSÃO DEPOIS
DE QUASE 30 ANOS. A
PARTIR DE TÉCNICAS
DO BARROCO,
PRODUZ IMAGENS
SACRAS DE RESINA

Por Marksuel Figueredo
Fotos: arquivo

O sorriso no rosto certamente é um dos companheiros de Magale Luz, em um quarto pequeno, no último cômodo do apartamento onde ela mora com o filho mais novo, na Zona Sul de Natal, e onde trabalha também. “É o meu ateliê e aqui eu nunca estou sozinha. Na verdade, estou sempre protegida e acompanhada”, adianta a artesã.

E é verdade. Pra se ter uma ideia, até o final de setembro ela terá também a companhia de 95 imagens que foram encomendadas por uma cliente de Recife, Pernambuco. “São imagens de Nossa Senhora Aparecida e de Nossa Senhora de Fátima”, especifica Magale, com a expressão de quem terá muito trabalho pela frente.

Potiguar nascida em Mossoró, a artesã ganhou gosto pelas imagens ao ter contato direto com a cultura barroca em Minas Gerais, na década de 1980. “Morei em Viçosa e conheci a arte sacra. Me apaixonei e então percebi que queria trabalhar com aquilo”, diz.

O Barroco Mineiro foi a principal manifestação artística do Brasil Colônia, tanto na escultura quanto na pintura com temas sacros. Sua origem está na Europa, na passagem do século XVI para o XVII, em meio a um período de

transformações e reviravoltas nas questões políticas e religiosas. No Brasil, o Barroco ganhou notoriedade no século XVIII, sobretudo em Minas Gerais, berço da mineração no período Colonial.

“A arte barroca me encheu os olhos pela riqueza de detalhes e por ter um aspecto envelhecido, o que particularmente eu gosto”, diz Magale. A artesã começou a customizar as imagens de gesso em 1981, mas precisou parar após retornar ao Rio Grande do Norte para se dedicar à criação da primeira filha. “Virei dona de casa, literalmente”, define.

O retorno ao artesanato só se deu quase 30 anos depois por incentivo da própria filha. “Ela sabia que o artesanato tinha me feito bem e praticamente me obrigou a retornar as atividades”, brinca. Magale voltou a pintar esculturas de gesso em 2008 e conta que no começo pensou em desistir.

“Eu achava que nem levava mais jeito para essas coisas, mas minha filha Ana Luzia insistiu. Ela é arquiteta e apostava que eu tinha futuro nessa área de customização. Então, eu comecei a passar horas e horas fazendo treinamento na internet, procurando reaprender tudo aquilo que tinha visto no passado e aperfeiçoando”.



Peças muitas vezes são encomendadas para lembranças de casamentos ou batizados

UM TRABALHO RICO EM DETALHES

Apesar de o gesso ser a ferramenta antiga de trabalho, ela nunca gostou muito do material pelo aspecto mais áspero e pela fragilidade da sua estrutura. Assim como o Barroco, Magale se apega aos detalhes. Eles fazem a diferença. “Você sente a diferença de uma peça em resina, por exemplo, só em bater o olho”, diz.

E foi justamente a resina a aposta de Magale para o sucesso no trabalho. As pe-

ças customizadas por ela hoje são trazidas de São Paulo e do Rio Grande do Sul. “São todas em resina, um material mais liso e, ao mesmo tempo, mais rígido e forte. O acabamento fica bem melhor”, diz.

Para customizar uma imagem, a artesã usa basicamente tinta, pérolas, folhas de ouro e, em alguns casos, as rendas. Elas são usadas para fazer véus, como o de Maria na imagem da Sagrada Família.



Folhas de ouro, pérolas e rendas são alguns dos materiais usados nos detalhes das imagens

TEMPO E DEDICAÇÃO

Um trabalho que exige tempo e dedicação. A imagem da Sagrada Família, que está entre as mais pedidas pelos clientes, leva em média quatro dias para ficar pronta. São cinco horas de trabalho, sempre à noite. “Gosto da calma que a noite me traz. O meu trabalho exige muita concentração e o silêncio até mesmo da madrugada me deixa mais tranquila para trabalhar”, revela.

Magale tem peças que custam de R\$ 10 a R\$ 300. Os preços variam de acordo com o tamanho da imagem e com a obra de arte investida nela, mas para a artesã o lucro é o que menos importa. “Eu não posso dar, porque faço o investimento na imagem. No entanto, o dinheiro não é o primordial. O meu trabalho me enche de orgulho, é uma terapia, uma redescoberta em você se sentir útil e extremamente ativa aos 61 anos”, desabafa.

A pitada de ‘amor’ naquilo que faz talvez explique o sucesso de suas imagens. Além das encomendas para Recife cita-

das no início da reportagem, Magale tem obras espalhadas por João Pessoa, Campina Grande e até mesmo por outras partes do mundo, como Europa e México.

As encomendas são feitas para ocasiões como casamentos e batizados, sem falar nas situações corriqueiras. “Sempre tem pedidos de clientes que desejam presentear uma amiga com uma bela imagem de Nossa Senhora de Fátima ou Nossa Senhora Aparecida. O trabalho não para”, agradece.

Por falar em trabalho, ela está customizando 15 imagens para um casamento marcado para o próximo ano. “Ainda está longe, mas essas pessoas são especiais. Serão as lembranças dadas aos padrinhos. Abençoadas, assim como é a minha profissão. Se eu penso em parar? Nem tão cedo. As vezes deixo a diversão dos fins de semana de lado com as amigas para me dedicar às minhas imagens. Chamo isso de realização profissional”, finaliza.





A imagem da Sagrada Família é a peça mais pedida





Gilson Bezerra
www.penaestrada trilhas.com

HISTÓRIA

Passeio pelo **RN colonial**





VIAGEM PELO
TEMPO, ENTRE
CASARÕES E
HISTÓRIAS DE
UM ESTADO
DEVERAS
CURIOSO E BELO

Fotos: Evaldo Gomes

Longe dos programas urbanos e dos corredores dos shoppings centers existe um Rio Grande do Norte pouco conhecido e de grande riqueza histórico-cultural. A Segredos de Viajante deste mês convida você a percorrer quatro engenhos potiguares por um tour pela história do nosso estado começando no século XVII até os dias de hoje.

O primeiro a ser visitado é o Engenho Ferreiro Torto, antigo Engenho Potengi, situado em Macaíba, a 18 km de Natal, que foi palco do primeiro massacre holandês, em 1633. Segundo o mestre Câmara Cascudo, nesse ataque “Francisco Coelho, seu proprietário, a mulher, cinco filhos e sessenta moradores sucumbiram”. O engenho havia se transformado em abrigo de pessoas que viviam nas cercanias, aterrorizados com as notícias dos ataques holandeses e seus aliados índios tapuias. Desse antigo casarão restam apenas vestígios de ruínas que acreditam ser da capela e casa de moenda.

O charme da visita à propriedade está no casarão construído no ano de 1845 pelo Coronel Estevão de Moura, um palacete em estilo colonial português de imponente fachada que chegou a cair, mas foi restaurado na década de 1980, tombado pela Fundação José Augusto em 1994 e que hoje funciona como museu, aberto de terça a domingo. Quem nos recebe sempre no casarão, com suas histórias assombradas sobre a propriedade é o guia Wedson Poeta, grande conhecedor da história local.



Dona Helena Araújo Lima, proprietária da fazenda Bom Jardim



Casarão da Fazenda Bom Jardim tem mais de 200 anos e recebeu a visita do escritor Mário de Andrade no ano de 1928



Proprietários do Engenho Mucambo



Banquetes oferecido aos visitantes do Engenho Mucambo

ONDE ESTEVE MÁRIO DE ANDRADE

A próxima parada é o Engenho Bom Jardim, em Goianinha. O casarão de grossas paredes de taipa rigorosamente caiadas de branco e muitas janelas azuis que se abrem para um alpendre cercado de jardins tem muita história para contar: foi lá que o escritor modernista Mário de Andrade esteve no ano de 1928 e, encantado com a musicalidade do coco, escreveu as partituras das músicas do coquista Chico Antônio, resgatando para a posteridade obras da tradição oral que provavelmente se perderiam no tempo.

O casarão da fazenda tem cerca de 200 anos e mobiliário que reúne móveis, louças e objetos de arte de várias gerações da família. A propriedade já chegou a receber turistas para refeições

e visitas guiadas, mas essas atividades foram suspensas após o falecimento de Dona Helena Araújo Lima. De lá, seguimos para o Engenho Mucambo, que foi desmembrado das terras do Bom Jardim e vem mantendo a tradição dos banquetes nordes- tinos como eram degustados no outro casarão, sob o comando da mesma Dona Helena, uma lenda no turismo do RN.

Seu filho, Fred, transportou para o Mucambo a boa mesa e vem junto com sua esposa, Cristina, realizando excelente trabalho na arte de receber como velhos amigos todos os visitantes, abrigando-os em redes dis- plientemente armadas debaixo de uma imbiribeira centenária ou desfrutando do silêncio local nos quiosques e varandas.

A piscina de pedra abastecida com água de nascente é um convite irresistível para quem quer se refrescar e um alambique de cachaça artesanal que produz as marcas Mucambo e Maria Boa pode ser visitado para se conhecer de perto o processo de fabricação totalmente orgânico e artesanal, sem abrir mão da tecnologia.

Destaque para a Mata do Mucambo, reserva particular de Mata Atlântica que guarda importantes espécies de mata nativa, trilhas, olheiros de água cristalina e animais silvestres. As refeições servidas no local devem ser previamente agenda- das e são feitas com ingredientes quase todos produzidos lá mes- mo, raridades nesse mundo con- temporâneo.



Piscina da pedra



Mata do Mucambo



Engenho Mucambo

A nossa última parada é o Engenho Cunhaú, o primeiro do estado e local onde ocorreu o sangrento massacre no ano de 1645. O local chegou a ser o principal núcleo econômico do estado e produzir 7.000 arrobas de açúcar à época.

O único vestígio arquitetônico desse período é a capela de Nossa Senhora das Candeias, que foi construída na fundação do engenho em 1604, tombada pelo Iphan em 1964, mas só restaurada na década de 1980. A construção tem arcos de pedra portuguesa e abriga o túmulo de Jerônimo de Albuquerque Maranhão, patriarca da mais antiga família potiguar.

Acabando essa visita, seguimos para encerrar o dia na brisa mansa de Barra de Cunhaú, fazendo o passeio de barco pelo estuário para admirar a beleza dos manguezais que resistem à carcinicultura. Uma parada para banho na praia do outro lado, sentar numa mesinha em um dos quiosques à beira do rio e degustar as delícias praianas

servidas fartamente pelos baraqueiros. Se você tiver um pouco mais de tempo pode seguir até à foz do Rio Catú, na Barraca do Tonho, e ver a água escura do Catu se misturar com as águas azuis da Praia de Sibaúma, antigo povoado quilombola. Um

dia diferente onde o visitante pode enxergar o RN com outros olhos, olhos de viajante que não se contenta em admirar a paisagem, mas quer também conhecer sua história e se sentir parte dela. Junte a família e se lance nessa viagem pelo tempo!



Capela Nossa Senhora das Candeias



Barra de Cunhaú



Praia de Sibaúma, antigo povoado quilombola

ESTILISTA
DNA
POTIGUAR



O SOLO
POTIGUAR TEM
SE MOSTRADO
FÉRTIL PARA
O MERCADO
DA MODA.
BOAS IDEIAS
ALIADAS A UM
FAZER CRIATIVO
REDUNDAM
EM SETOR
PROMISSOR

Por Vânia Marinho
Fotos: Divulgação

A grife Dominiques, que tem sotaque potiguar, aposta nas mulheres sofisticadas. O estilista Jardel Litter trouxe frescor para a marca um olhar apurado que une o sofisticado ao artesanal. Jardel lembra que o Nordeste é muito rico em sua cultura, entendendo que se houver algum preconceito pode ser vencido pelo trabalho apurado, autoral.

Ao longo da trajetória percorrida no universo da moda, o estilista potiguar nascido em Brejinho se percebe mais polido no olhar e no

design. Com bagagem carregada de desejo de ir além, Jardel investiu na carreira, estudando e indo trabalhar junto com quem já tem nome e talento.

Em São Paulo, trabalhou com Martha Medeiros e depois montou o seu próprio ateliê. Em Natal, convidado pela diretora criativa da Dominiques, Tayse Dantas, resolveu ficar e apostar na grife, emprestando todo o talento à grife. Tayse também quer somar e atualmente está em Miami no Instituto Marangoni de moda e design.



Jardel Litter,
estilista e a
diretora criativa
da Dominiques
Martha Medeiros

Diante de tudo, isso não foi difícil ver a Dominique presente em multimarcas de peso, além de passagens pelo Minas Trend e o Casa Moda. Para o verão 2018, a Dominique aposta no linho, na viscolycra, tricoline e nas rendas de bilro em looks sofisticados.

O estilista Jardel Litter afirma que é apaixonado pelos artesãos, pela cultura local e pelo acabamento em alfaiataria que considera característica própria. E devido ao sucesso que se prolongou para o inverno, a dupla aposta agora em festa também. Tudo com um DNA local impresso. Jardel cita Leon Tolstói justificando a origem da sua criação “se quer ser universal cante a sua aldeia.



Com a CARTEIRA DE ESTUDANTE 2018

o **estudante** tem
todas as **vantagens**
e as melhores
parcerias

Apresente a sua
carteira de estudante
em nossos parceiros
e **ganhe descontos**
exclusivos!



Faça já a sua no portaldouestudentenatal.com.br
ou visite os postos NatalCard



VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com

Frissan

Renzo Rosso, fundador da Diesel, teve a intenção de provocar o público na semana de moda de Paris quando surgiu usando uma camiseta com texto enigmático que suscitou muitas interrogações. Na camiseta, a seguinte frase HAUTE COUTURE. O que se comenta é que foi uma provocação proposital com a intenção de sacudir as mídias sociais.



PARANDO O TRÂNSITO

A grife potiguar Avohai lançou no último dia 17 a coleção de verão com desfile no centro da cidade. A coleção Florescer propõe um verão descontraído e bem colorido.



CUIDADOS

O momento é de colorir os lábios com as mais variadas cores e texturas. Diante dessa explosão surgiu a necessidade de cuidar bem dos lábios, buscando hidratação. Várias marcas de produtos

de cosméticos resolveram investir nos hidratantes labiais. Há no mercado várias marcas importadas e por aqui temos ótima variedade inclusive a aposta da Vult, que lançou o Lip Butter, produto ideal para quem quer cuidar dos lábios e ter um toque de cor ao mesmo tempo.

ADEUS

Diante da crise no mercado editorial, a Editora Abril teve que fechar algumas revistas do grupo, entre elas a revista Elle, respeitada publicação de moda no País que acabou de dar o seu adeus deixando muitos jornalistas especializados fora do mercado. A edição de agosto (a última) com ensaio feito na Amazônia ainda está nas bancas.



CINDERELA

No verão Arezzo, muitas novidades que super combinam com o nosso clima. Gisele continua como diva do verão da marca. Fotografada na Costa Rica, a modelo aparece usando pochete e nem precisa dizer que o acessório (muito questionado) logo tornou-se objeto de desejo. Nascida na tendência que vai do esportivo ao utilitário, a bolsa transpassada é mais um sinal de que a brisa da vida simples, como ama Gisele, começa a ser realidade na moda. Questionada sobre peças do verão, ela confessou usar muito sandálias rasteiras e tênis.



HÁ 45 ANOS, TEM SEBRAE PARA VOCÊ E PARA O FUTURO DO RN.

Para olhar em direção ao futuro, é preciso antes viver uma história. Ou em nosso caso, várias delas. Em 45 anos, o Sebrae-RN coleciona experiência em transformar sonhos, vivenciando ao lado dos empreendedores as mais diversas etapas dos seus negócios. Seja para o micro empreendedor individual ou para as pequenas empresas, o Sebrae acredita que o caminho para o futuro do nosso país passa pelo empreendedorismo. É essa força que nos faz continuar buscando soluções para estimular a cultura empreendedora e inovar sempre, para atender às demandas de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Por isso, seja para abrir uma empresa, solucionar os problemas do dia a dia, lutar, crescer e inovar, tem Sebrae para você.



0800.570.0800
www.rn.sebrae.com.br
 f t @ sebraern





Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



URBANIZAÇÃO

Ideias para Natal

PELAS REDES
SOCIAIS,
ARQUITETO PROPÕE
ALTERNATIVOS
PARA OS ESPAÇOS
URBANOS DA
CAPITAL POTIGUAR

Projetos: Manoel Fagundes Junior

Não é de hoje que arquitetos e urbanistas, atentos ao que acontece nas cidades e espaços urbanos, observam o que está funcionando e o que precisa de intervenção para melhorias em ruas, praças, canteiros, terrenos abandonados ou mesmo espaços ocupados de forma desordenada.

Ponta Negra, nosso cartão postal, é um exemplo disso. Eu, como arquiteto, em 2001, juntamente com o morador Nelson Melo, advogado e apaixonado pela orla, buscamos à época de várias formas melhorar a infraestrutura e tudo que estava envolvido na orla. Marcamos com empresários e moradores, fizemos reuniões com o foco de tornar Ponta Negra um ponto turístico de qualidade. A ideia principal era que a praia fosse acessível a todos, mais espaço para a população, com apenas uma via de circulação para veículos de serviços e urgências, ciclovias, estacionamento em terrenos sem uso, canteiros ao longo do calçadão como ilhas verdes e bastante área de sombreamento, e tudo mais que uma orla precisa para atender às pessoas de forma digna e atrair com segurança turistas do mundo todo.

Porém, tudo ficou no papel. Hoje, sigo observando, vejo que foram feitas algumas intervenções, mas que, infelizmente, sem manutenção, apoio, educação da população e o avanço do mar, tão grave, Ponta Negra, apesar da beleza natural, deixa a desejar.

Ponta Negra



Ponta Negra



Ponta Negra



Calçadão Cidade Alta

Arquitetos com os mesmos pensamentos buscam em seus escritórios ideias para melhorar os espaços. Assim é o trabalho do arquiteto Manoel Fagundes Junior, que tem excelentes ideias e propostas urbanísticas para Natal e vem produzido matérias de divulgação no Instagram @ideiasparanatal, onde mostra exatamente essa vontade de ver a cidade melhor, organizada e funcionando minimamente.

As propostas são desenvolvidas de forma voluntária, com o objetivo de mostrar para sociedade e os órgãos competentes uma cidade melhor. As ideias são publicadas no Facebook e Instagram em vídeos. Com isso, estimula o debate e o diálogo sobre a estética arquitetônica e incentiva a população a cobrar melhorias para a cidade. Inicialmente, o foco é na Zona Norte.



Camelódromo



Interior do Camelódromo

IDEIAS DE MANOEL FAGUNDES

Graduado no curso de Arquitetura e Urbanismo desde 2015, o arquiteto potiguar passou sua infância em Belém, adolescência em Manaus. Por ter passado por diversas cidades, observou que no meio urbano organizado há a existência de opções de lazer em espaços naturais, acessibilidade e transporte público de qualidade, fatores determinantes para o combate ao estresse, situação que interfere diretamente no

comportamento da população.

Esses pontos foram fundamentais e motivadores para divulgar suas ideias. Ao voltar para Natal, o arquiteto viu a situação de degradação de alguns trechos em que se encontravam vários locais da cidade, como a área de lazer em Panatis, e vem trabalhando e mostrando que tudo pode ser melhor pensado e executado e existem alternativas viáveis.

“Estou promovendo esse tra-

balho para chamar a atenção primeiramente da população e dos nossos gestores públicos. No futuro, pretendo dar palestras e fazer apresentações em locais estratégicos para mostrar que podemos melhorar cada vez mais a nossa cidade. Não podemos mudar o mundo, mas podemos ajudar a mudar. Se cada um fizer a sua parte será mais fácil, pois se juntarmos pequenas coisas podemos torná-las grandes”, afirma.



Área de Lazer do Panatis, Zona Norte de Natal



Av. Itapetinga, Zona Norte



Distrito Policial do RN



Parque no bairro Potengi, Zona Norte

Páginas prestigiadas

Fotos Paulo Lima/Brasília

O mundo jurídico e político marcou presença no STJ para o lançamento do livro “Os Limites do Juiz Para Correção do Erro Material”, de autoria da potiguar Estefânia Viveiros, membro honorário vitalício da OAB/DF, em parceria com Claudio Lamachia, presidente do Conselho Federal da OAB, editado pela editora Gazeta Jurídica. Trata-se do primeiro livro em que a advogada aborda o gênero erro material, assunto presente nas decisões judiciais e tratado no artigo 463 do Código de Processo Civil. Analisa o tema sob vários ângulos do processo civil brasileiro. A obra é resultado de tese de doutorado pela PUC-SP, sob orientação da professora Teresa Arruda Alvim Wambier.



Estefânia com o irmão Luiz Felipe, os pais DaGraça e Augusto Viveiros, e Cláudio Lamachia



Crislane Pinto, Cláudia Vasconcelos, Roberta Monzini, Patrícia Garrotti



Marcela Furst, Thais Zuba, Sueny Almeida, Marilane Lopes



Autógrafo para o ministro Humberto Martins



Luiz Felipe Viveiros, Rafael Albuquerque, Sérgio Freire, Edson Faustino



Ministros Jorge Mussi e Roberto Rosas



Danielle Moreira, Jacques Veloso, José Antônio Fischer



Helga Jucá, Ibaneis Rocha, Eduarda Mourão



Estefânia Viveiros e Cláudio Lamachia autografam para Estênio e Guilherme Campelo



Esdra Dantas e Thais Zuba



Julister e Zélio Maia



Simone Azevedo e Rodrigo Ledo



Katia Cubel, Cairo Bittar, Danielle Moreira



Rafael Correia, César Serra, Ibaneis Rocha



Socorro Góes, Darly Rabelo



Roberto Caldas, Jarbas Vasconcelos



João Egmont Lopes, Eliane e o ministro Cláudio Santos



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com

HAVANA, ohh-na-na... (parte 1)

Quem conhece a capital cubana sente o que canta Camila Cabello: “Half of my heart is in Havana, ohh-na-na”. A cidade é, como dizem os cubanos, “preciosa”! Por causa do embargo de 1959, as fachadas dos prédios e a frota de carros tiveram que ser conservadas, o que faz o visitante viajar no tempo. O som da salsa ou do mambo pode ser ouvido em qualquer esquina enquanto se aprecia uma das bebidas locais (ou as duas). Cuba é a terra do mojito e do daiquiri.



Jose Fuste Raga/Divulgação

Como chegar?

Havana tem o seu próprio aeroporto. Do Brasil, chega-se por Copa Airlines. Não é difícil encontrar ida e volta por R\$ 2.000, com taxas, saindo de Recife. Do terminal ao centro, táxis é a melhor (e única) opção. Paga-se 20 pesos cubanos (R\$ 80) pela corrida.

Quando ir?

O verão em Havana é no meio do ano quando faz muito calor. Porém, nessa época há chuvas fortes no final da tarde. Setembro é quando chove mais. O inverno, de dezembro a março, é seco e a temperatura não cai muito. Na cidade, circula-se de táxi convencional ou de cocotáxi, que imita mesmo um coco. Mais baratos e, claro, mais divertidos.



Onde se hospedar?

Em Havana, há opções de hospedagens para todos os bolsos, mas a maioria dos hotéis ainda não está na internet, o que reduz as possibilidades para uma reserva prévia. O Agora Eu Voo se hospedou no **Hotel Nacional**, um pedaço dos anos 1930 no coração da cidade. Volta e meia eles fazem promoção de tarifas, disponibilizando acomodações por R\$ 350 a diária. O **Gran Hotel Manzana Kempinski** é mais caro, mas super bem localizado. Há muita gente que se hospeda com locais, em suas casas. Não achamos que os preços convencessem. É mais pela experiência.



O GUIA DE HAVANA CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Baco

Fotos Paulo Lima/Brasília

Com 130 rótulos de 15 países, a sexta edição do Decanter Wine Day, sob o tema "Vinhos do mundo", foi como esperado: sucesso. Evento que já faz parte do calendário de Brasília como um dos maiores e mais seletos no trato de degustação de vinhos. Noite com sabores de queijos, pastas, frios e pães. Cada participante recebeu uma taça personalizada do evento.



Janaina Miotto, Nadson Sato, Sueli Maestri



Denise Espirito Santo, Kátiusca Leles



Cidália Varela, professor Jordenes e Adriana Ferreira



Nadson Sato, Sérgio Seiti Inoue, Márcia, Michelle Sato



Joaquim e Lucy Freitas, José Filho Anjos e Márcia Santos



Petrus Elesbão, Hudson Menezes



Tiago Locatelli, Guillaume Borrot



Wagner Viana, Delane Silva, Dione Souza



Rui de Figueiredo Marco, Maria Luíza Mathias, José Júlio Fernandes, ministro Carlos Fernando Mathias

Brindes jurídicos

Fotos Paulo Lima/Brasília

Nos belos domínios do Lago sul, em Brasília, o ministro Carlos Fernando e Maria Luíza Mathias de Souza receberam em alto estilo para comemorar com sucumento churrasco o XIII Seminário Ítalo-Brasileiro de Estudos Jurídicos. Ocasão que reuniu autoridades do mundo jurídico, familiares e amigos.



Carla e Alexandre Guerra



Rosa e Osmar Tugnolo



Ministra Laurita Vaz e José Vaz



Ministro Jorge Mussi, Jackson di Domenico, ministros Marcelo Navarro, Roberto Rosa e Cláudio Santos



Leandro Color e Ana Luíza Mathias de Souza



Jorge Fontoura entre os ministros Carlos Ayres Brito e Cezar Peluzo



Desembargador federal José Amílcar Machado, Beatriz Luciano e embaixadora Diana Vanegas



Ministro Carlos Fernando Mathias com os embaixadores Jorge Cabral, Manuel Maria Cardoso, Nelson Cosme e Malek Twaï



LÍGIA LIMEIRA
Advogada e Coautora do
Manual Prático das Eleições

Perspectivas para as Eleições 2018

O processo eleitoral deste ano promete marcar o cenário político-eleitoral do País. Isto porque, para além da crise que se instalou desde o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, acirrada pela Operação Lava Jato, e que dividiu eleitores e opiniões, o Congresso Nacional aprovou, no ano passado, as leis n.ºs. 13.487/2017 e 13.488/2017, que modificaram substancialmente o sistema eleitoral desde muito vigente na legislação pátria.

De início, convém destacar o Fundo Especial de Financiamento de Campanha - FEFC, criado para compensar as doações efetuadas por pessoas jurídicas, consideradas inconstitucionais pelo STF em setembro de 2015. Nesta quadra, também houve a liberação do *crowdfunding*, mais conhecido como vaquinha eletrônica, a partir do qual os pré-candidatos já puderam dar início à arrecadação de recursos de pessoas físicas em 15 de maio deste ano.

Faz-se premente ressaltar que os recursos do FEFC importam em R\$ 1,716 bilhão, enquanto que os recursos do Fundo Partidário ultrapassam o patamar de R\$ 800 milhões, alçando os recursos públicos que poderão transitar nas campanhas eleitorais ao valor estratosférico de mais de R\$ 2,5 bilhões, situação que preocupa o TSE, sobretudo no que tange à fiscalização da aplicação de tais recursos.

Por outro lado, ao julgar a Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º 5.617, decidiu o STF, em março deste ano, que a aplicação de re-

ursos do Fundo Partidário nas campanhas eleitorais deverá observar o patamar mínimo das quotas de gênero exigido para as candidaturas proporcionais, da ordem de 30%, que sempre pertenceu às mulheres, dada a sua inexpressividade na seara política.

Seguindo a esteira desse entendimento, o TSE confirmou que, também no caso do FEFC, idêntico percentual deverá ser destinado às candidaturas femininas, o que também será observado em relação ao tempo destinado à propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV.

Tem mais: a distribuição dos recursos deve, necessariamente, acompanhar o percentual inferior destinado às candidaturas proporcionais pelos partidos políticos, de forma que qualquer acréscimo ao percentual mínimo fixado pela legislação quando do preenchimento das vagas será levado em consideração quando da destinação dos recursos públicos para as campanhas femininas.

Já os limites de gastos por candidatura, todos previamente fixados, traduzem-se em verdadeira incógnita, porquanto significativamente reduzidos em relação aos processos eleitorais anteriores, obrigando os candidatos a economizarem nas campanhas e, por natural consequência, criarem diferenciais que lhes sirvam de destaque na multidão.

Diante desse cenário, de contornos desconhecidos, alguém duvida que as eleições deste ano adquirirão novas feições? Certo mesmo é que ganharão um toque feminino. Por isso, não provoquem!

- **MAIS INICIATIVA PRIVADA**
- **MAIS COMPETITIVIDADE**
- **MAIS SEGURANÇA JURÍDICA**
- **MAIS LIBERDADES INDIVIDUAIS**
- **MAIS COMBATE À CORRUPÇÃO**
- **MAIS EQUILÍBRIO FISCAL**
- **MAIS DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**
- **MAIS INOVAÇÃO**
- **MAIS EMPREGO**

O Mais RN é a maior e melhor elaborado projeto de desenvolvimento para o Rio Grande do Norte.

Um planejamento técnico com histórico, propostas, projetos e revelação de tendências de desenvolvimento previstos até 2035, em todos os setores da economia.

Totalmente financiado pela iniciativa privada, agora entra numa nova etapa de revisão e ampliação. O empresariado, liderado pela FIERN, faz a sua parte, contribuindo para o debate e o bem-estar da sociedade potiguar.

Neste ano, o Mais RN será entregue a cada um dos candidatos ao Governo do Estado e também aos presidentes que visitarem o Rio Grande do Norte.

É uma bússola que os empresários entregam para transformar o RN em um Estado justo socialmente e próspero economicamente.

Com este instrumento em mãos, não haverá mais desculpas para desconhecer a grave crise fiscal, as dificuldades e quais as providências que precisam ser adotadas pelos futuros dirigentes para transformar o Rio Grande do Norte.



**O MAIS RN INDICA O NORTE
PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO.**





morya

Juntos *para transformar gestos em carinho.*

Existem gestos que falam mais do que mil palavras. Receber um "Feliz Dia dos Pais" é emocionante. Mas, quando nossos filhos demonstram todo o seu amor com gestos carinhosos, esse dia se torna inesquecível.

Conheça essa história:  /sicredi  sicredioficial

| Feliz Dia dos Pais

 **Sicredi**

sicredi.com.br

SAC - 0800 724 7220

Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525

Ouvidoria - 0800 646 2519